

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**RITUAIS DO VALE DO AMANHECER:
SINCRETISMO E PLURALIDADE DE SÍMBOLOS**

JOÃO SIMÕES DOS SANTOS

**GOIÂNIA
AGOSTO DE 2001**

JOÃO SIMÕES DOS SANTOS

**RITUAIS DO VALE DO AMANHECER:
SINCRETISMO E PLURALIDADE DE SÍMBOLOS**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA NO CURSO
DE Mestrado em Ciências da Religião
como requisito necessário para a
obtenção do grau de Mestre.**

**GOIÂNIA
AGOSTO DE 2001**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

**TÍTULO: OS RITUAIS DO VALE DO AMANHECER:
SINCRETISMO E PLURALIDADE DE SÍMBOLOS**

AUTOR: JOÃO SIMÕES DOS SANTOS

**Dissertação defendida e aprovada, com nota _____(), em _____ de
_____de _____, pela banca examinadora composta pelos seguintes
professores:**

Banca Examinadora

_____ **Prof. Dr.: Sérgio de Araújo**

_____ **Prof^ª. Dra.: Tânia Mara Campos de Almeida**

_____ **Prof. Dr.: Valmor da Silva**

DEDICATÓRIA

**De modo especial a José e Maria (meus pais) e José
Vale (meu irmão).**

AGRADECIMENTOS

**À Professora Irene Cezne pela sua compreensão.
Aos amigos que, de diversas formas, incentivaram
a produção deste trabalho:
Prof^ª. Mara, Prof^ª. Albanisia, Guilherme e Edson.**

EPÍGRAFE

"Existe uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver - e essa pauta cada um tem mas a gente mesmo, no comum, não sabe encontrar, como é que sozinho, por si, alguém ia poder encontrar e saber? Mas, esse norteador, tem. Tem que ter . "

J. Guimarães Rosa

SUMÁRIO

RESUMO.....	VII
ABSTRACT	IX
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO - I.....	8
SITUANDO O VALE DO AMANHECER	8
1.1 - <i>Brasília: O contexto histórico</i>	8
1.2 - <i>O Vale do Amanhecer: os primeiros passos da comunidade</i>	18
1.2.1 - Institucionalização: 1959 a 1985.....	20
1.2.2 – A Construção da Visão de Mundo.....	24
1.2.3 - As Técnicas Empregadas no Vale.....	29
1.2.4 - A Filosofia Básica do Vale.....	31
1.2.5 - A Missão do Vale.....	33
1.2.6 - Anos 90 – Localização e Descrição Física do Atual Vale do Amanhecer.....	35
1.3 – <i>Tia Neiva</i>	39
1.3.1 – 1959 a 1985: Liderança Carismática	41
CAPÍTULO II.....	46
AS HIEROFANIAS DO VALE DO AMANHECER	46
2.1 - <i>Os Espaços Sagrados</i>	46
2.2 - <i>Descrição dos Símbolos do Conjunto de Espaços Sagrados</i>	48
2.2.1 - O sincretismo no ritual do Templo.....	53
Roteiro litúrgico do Templo	62
2.2.2 - O sincretismo no ritual da Estrela de Nerhu.....	76
2.2.3 – O sincretismo no ritual da Estrela Candente	80
Roteiro litúrgico da Estrela Candente.....	81
CAPÍTULO III	88
USOS E SENTIDOS DO CONCEITO DE SINCRETISMO RELIGIOSO.....	88
3.1 – <i>Revisão da literatura sobre sincretismo religioso</i>	91
CONCLUSÃO.....	99
BIBLIOGRAFIA	103
GLOSSÁRIO	110

RESUMO

SANTOS, João Simões dos. *Rituais do Vale do Amanhecer: Sincretismo e Pluralidade de Símbolos.*

Goiânia, Universidade Católica de Goiás, 2001

O estudo, ancorado em pesquisas realizadas sobre o sincretismo e a pluralidade de símbolos nos rituais do Vale do Amanhecer, demonstra que muitas das primeiras comunidades religiosas se formaram a partir de processos de incorporações, fusões, adaptações e composições, isto é, de sincretismo que parece estar assentado no pluralismo de símbolos, o que possibilitaria, para o indivíduo, uma contínua exploração de sentido. Nesse sentido, podem-se identificar no planalto central do Brasil - Brasília e Entorno -, várias das características do que seria a religiosidade na contemporaneidade.

Uma delas é o crescimento da busca pelo místico-esotérico. Assiste-se a uma série de manifestações religiosas, cada vez mais à margem das religiões institucionalizadas. A postura tem caráter sincrético, o que inclui colagem, composição e combinação de elementos de várias religiões ocidentais e orientais, tradição hermética, ciências, consciência planetária, paz mundial, ecologia, e uma grande circulação pelos grupos e rituais.

O Vale do Amanhecer está associado diretamente às práticas ritualísticas sincretizadas de forma compósita com o espiritismo, catolicismo, tradições afro-brasileiras e religiões ameríndias. Os elementos simbólicos dessas tradições religiosas foram importados dos seus contextos originais e lá receberam novos significados.

A análise desses rituais permite aplicar acriticamente a hipótese do sincretismo de composição presente nos rituais religiosos daquela comunidade.

ABSTRACT

SANTOS, João Simões dos. *Rituals of the Vale do Amanhecer: Syncretism and Pluralism of Symbols.*

Goiânia, Catholic University of Goiás, 2001

The studies, based on surveys made about the syncretism and the pluralities of symbols in rituals at the Vale do Amanhecer, show that many of the pioneers religious communities were formed from processes of incorporations, fuses, adaptations and compositions, that is, from syncretism that seems to be assented in the pluralism of symbols, which would make possible, for an individual, a continuing exploration of the sense. In that sense, it can be identified in the central planate of Brazil – Brasilia and Surrounds -, many of the characteristics of what would be the religiosities in the contemporaneity.

One of them is the growing of the search for the mystic-esoteric. We can see, more and more, a series of religious manifestations, around the institutionalized religions. The posture has a sincretic character, which includes, collage, composition and combination of elements of various western and eastern religions, hermetic tradition, science, planetary conscience, world peace, ecology, and a great circulation among the groups and rituals.

The Vale do Amanhecer, is directly associated to ritualistic practices sincretized of composite form with the spiritism, Catholicism, Afro-Brazilians traditions

and Amerindians religions. The symbolic elements of these religious traditions were imported from their original contexts and there received new meanings.

The analyses of these rituals permits apply acritically the hypothesis of the syncretism of composition present in religious rituals in that community.

Introdução

Desde o século passado, houve um processo de reencantamento do mundo com a proliferação das igrejas evangélicas e pentecostais, o ressurgimento de inúmeras práticas rituais, secundadas por crenças milenares que foram silenciadas pelo cientificismo racionalista, pelo secularismo e intolerância das religiões tradicionais.

José Jorge Carvalho, em *Uma querela de espíritos: para uma crítica brasileira do suposto desencantamento do mundo*, indica, entre outras, a questão teórica decorrente da dificuldade de se conciliar, sem praticar uma redução empobrecedora, a cosmovisão ocidental moderna racionalista e cientificista, a qual pressupõe uma natureza desencantada, com visões de mundo diversas ou tradicionais ou simplesmente que se desenvolvem paralelas ao projeto modernista, sustentadas por princípios metafísicos e supra-sensíveis que estão imbricados diretamente nas crenças e práticas rituais.

Um dos aspectos mais intrigantes do mundo contemporâneo é, sem dúvida, o aspecto religioso, figurando como uma dimensão que tem o poder de conferir coesão e unidade à sociedade, por congregar moral e ética, simultaneamente.

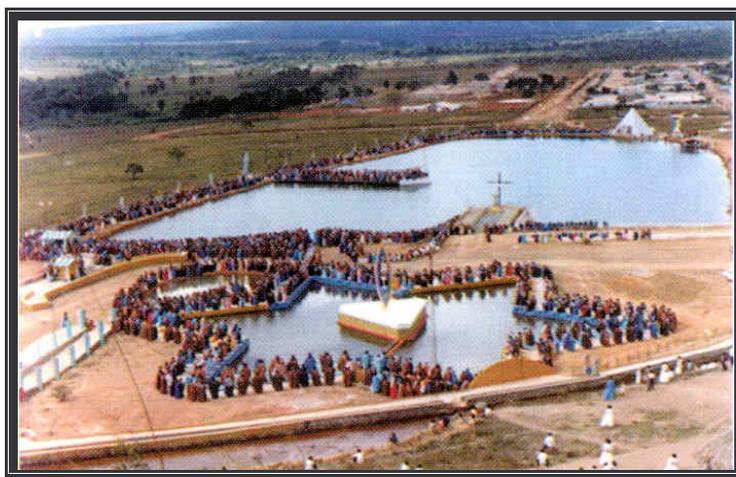
Destaca-se no texto o enfrentamento corajoso, por parte do autor, de um dos debates centrais da Sociologia da Religião: o da secularização e reencantamento do mundo. Nessa direção, lembra que a maioria dos estudiosos da chamada dimensão religiosa da cultura alternativa sustenta que assistimos a um fenômeno de religiosidade no plural.

A pluralidade religiosa que pode ser vista com toda nitidez em Brasília, cidade onde o panorama das religiões é particularmente aberto às invenções e ao sincretismo, reflete-se especialmente nas experiências do Vale do Amanhecer.

Este trabalho se propõe apresentar o sincretismo nos rituais do Vale do Amanhecer, na tentativa de colaborar com a compreensão deste fenômeno, que reúne toda a mística dos novos tempos.

A escolha do tema se deu considerando o processo sociocultural e religioso em que os costumes e valores de uma sociedade são capazes de demonstrar as preferências relacionadas com a divindade e com o espírito humano, por meio das práticas ritualísticas.

Sendo assim, diante do que preconizam defensores a respeito da temática, será explorada a forma como se confrontam a teoria e a prática exercida nos rituais do Vale do Amanhecer, tidos como os mais sincréticos de toda a experiência religiosa brasileira, de sua origem colonial até os dias de hoje.



Unificação (Estrela Candente, Quadrante...)

A religiosidade popular e essas formas insuspeitas de subjetividade religiosa encontram-se em proliferação, sobretudo no Distrito Federal, sem que haja muitos trabalhos científicos a respeito.

Através de uma análise histórica é possível perceber que a capital do Brasil extrapola o universo político-econômico e prova aos mais curiosos que conserva um verdadeiro leque de antagonismos, seja na diversidade dos povos, representada pelas Embaixadas, seja pela multiplicidade cultural de cada país. Dentro desta ótica, não seria surpreendente que a terra prometida, como definiu Dom Bosco, viva harmoniosamente, mesmo quando o assunto é religião.

O registro etnográfico poderá contribuir de forma substancial como informação para se compreender essas formas recentes de religiosidade, principalmente nos estudos relacionados às ciências da religião.

O sistema da comunidade está estruturado na lógica de um sincretismo do tipo composição no arranjo de elementos ritualísticos, importados de outros contextos, materializando-se no espaço onde recebem outros significados.

As crenças e práticas espiritualistas e a relação com o mundo místico, associadas a ritos orientais propiciadores de estados alterados de consciência, combinaram-se com elementos do cristianismo e do catolicismo, configurando novas seitas, caracteristicamente sincréticas e/ou compósitas. Como ocorre em o Vale do Amanhecer, boa parte dos ritos executados nestas seitas e religiões foram transplantados dos seus contextos originários e receberam outros significados e valores, conformando novas visões de homem e de mundo.

Na comunidade religiosa do Vale do Amanhecer constata-se a elaboração de dois modelos de visão do mundo a partir da dicotomia razão e paixão, ou em outras palavras, o real e o ideal. O lado da razão reflete-se na elaboração do modelo da realidade (do real) que é o modelo do caos. Em contrapartida, pelo lado da paixão (do ideal), está o modelo do cosmos, ou seja, o modelo para a realidade. Este modelo, propõe intervir diretamente no espaço físico. Encontrar ou reencontrar o cosmos requer, nesta hierópolis, necessariamente, a vivência no e do espaço que abriga as hierofanias desse grupo religioso.

Por meio dos rituais sagrados, normatizados no livro sagrado Livro de Leis, o Vale do Amanhecer mantém o cosmos e reafirma a identidade do grupo religioso. Tanto o corpo teórico (leis e regras) quanto o corpo prático (símbolos e rituais sagrados) são produtos da visão de mundo dessa comunidade. O estabelecimento contínuo de objetivos que visam garantir o cosmos, leva à vivência do sagrado, como prática social no espaço, traduzindo ações que se configuram como práticas ritualísticas.

Nesse sentido, observa-se nessa hierópolis, a reversibilidade e a resignificação de símbolos, pois, a realidade imperfeita e conflituosa do cotidiano, estimula uma proposta constante de correção e ordenamento do mundo.

A partir de estudos bibliográficos e de campo foram identificados e definidos diferentes padrões de comportamento no espaço que abriga o grupo religioso em questão e o tipo de sincretismo existente. Contrapondo-se o modelo **Da** versus o modelo **Para** a realidade, pôde-se compreender e traduzir a lógica do sistema de símbolos utilizados nos rituais dessa comunidade religiosa.

Vale ressaltar que, segundo Carvalho (1999, p.97):

“apesar de seu caráter universalista, a base doutrinal do Vale é sem dúvida o sincretismo clássico brasileiro: espiritismo, catolicismo, tradição-afro-brasileira”.

O objeto empírico deste trabalho consiste na descrição dos principais rituais de religiosidade do Vale do Amanhecer e, conseqüentemente, na identificação do tipo de sincretismo e da pluralidade de símbolos presentes nesses ritos.

O objeto teórico está fundamentado na análise dos construtos do termo sincretismo elaborado por Roger Bastide, Sérgio Ferretti, José Jorge Carvalho, que subsidiaram o embasamento teórico para o tratamento sistemático do objeto escolhido.

Dentro da metodologia adotada – Observação participante, registro etnográfico e entrevistas - analisou-se os principais rituais dessa comunidade religiosa, a partir de uma abordagem qualitativa, selecionando-se os símbolos e rituais mais importantes como delimitação da pesquisa.

Procurou-se desenvolver este estudo com um certo grau de imparcialidade, ou desvinculação de posições políticas ou juízos de valor mas, principalmente, buscou-se a abstenção, na medida do possível, da influência dogmática do sistema religioso do Vale do Amanhecer.

O entendimento da formação dos ritos sagrados no Vale do Amanhecer implica a descrição do mundo em que vivem os adeptos dessa comunidade religiosa e, neste caso, pertencer a ela possibilita vários entendimentos. O registro etnográfico, a observação participante e as entrevistas contribuíram substancialmente como informação ou compreensão dessas formas relativamente recentes da religiosidade. A observação participante é relevante por realizar uma clivagem da voz do adepto,

construindo, assim, uma pesquisa acadêmica a partir da decodificação do objeto pesquisado clivado com a voz do adepto. As entrevistas contribuíram para o mapeamento dos espaços sagrados onde acontecem os rituais sincretizados.

Quanto à estrutura, esse estudo está dividido em três capítulos: O primeiro capítulo - Situando o Vale do Amanhecer, trata do contexto sociocultural e religioso do Vale do Amanhecer mostrando como se deu a construção e a formação da estrutura administrativa e religiosa desde os primeiros habitantes até os dias atuais.

O segundo capítulo trata das hierofanias do Vale do Amanhecer, onde se faz uma descrição detalhada dos principais espaços sagrados e respectivos rituais, identificando os sentidos dos símbolos envolvidos e os aspectos do sincretismo encontrado. E o terceiro capítulo visa analisar o assunto identificando tendências principais no debate, e alguns usos e sentidos, e do conceito de sincretismo religioso. Apresenta-se uma revisão e discussão da literatura considerada básica sobre o sincretismo e, finalmente, as conclusões a que o estudo permitiu chegar.

Constatou-se que um conjunto de símbolos utilizados nos espaços sagrados do Vale do Amanhecer corresponde a um pluralismo de símbolos inventado de forma compósita, o que gera um tipo de sincretismo, que na experiência religiosa dessa comunidade, possibilita transformar o caos em cosmo. Para isso, utiliza-se de símbolos que cria o modelo Da e Para a realidade a fim de manter o cosmo e reafirmar a identidade do grupo religioso.

A pesquisa sobre o sincretismo nos rituais dessa comunidade religiosa, como diz Rosendhal (1996, p.23):

“nos permite conhecer o homem e sua percepção do mundo e também conhecermos o imaginário que elabora acerca e no meio em que vive”.

Compreender e traduzir a lógica do sistema do pluralismo simbólico e como esse sistema produz mudanças tanto sociais quanto espaciais, entender como ele é expresso de forma sincrética, nos rituais, é o esforço que se fez nesse estudo.

Capítulo - I

Situando o Vale do Amanhecer

Este primeiro capítulo trata dos aspectos históricos do contexto sociocultural e religioso do Vale do Amanhecer. Está situado, nesse contexto a construção de Brasília, e também descreve os primeiros passos dessa comunidade religiosa.

1.1 - BRASÍLIA: O CONTEXTO HISTÓRICO

O Vale do Amanhecer surgiu num momento histórico de muita repercussão no Brasil, uma vez que o período compreendido entre a década de 1950 e meados de 1960 registrou a passagem, a transição democrática entre dois governos ditatoriais – o Estado Novo e o Regime Militar. No entanto, Juscelino Kubitschek empolga o mundo com a construção de Brasília.

Brasília nasce como um arquétipo de uma cidade anunciada profetizada pelo padre italiano Dom Bosco no final do século XIX; nasce não só para ser a capital administrativa, centro geopolítico do país, mas também propõe ser o começo de uma Nova Era no Brasil. Nas palavras de Lúcio Costa (apud Pereira, 1997 p.153):

“Brasília nasceu de um gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz”.

Em meados do ano de 1950 surgiu a idéia de se concretizar a construção da cidade de Brasília – no meio do nada -, como disse Juscelino Kubitschek. No imaginário social, esse ideário foi sonhado como uma grande e nova civilização, caracterizada como um paraíso de fartura e abundância por muitos visionários.

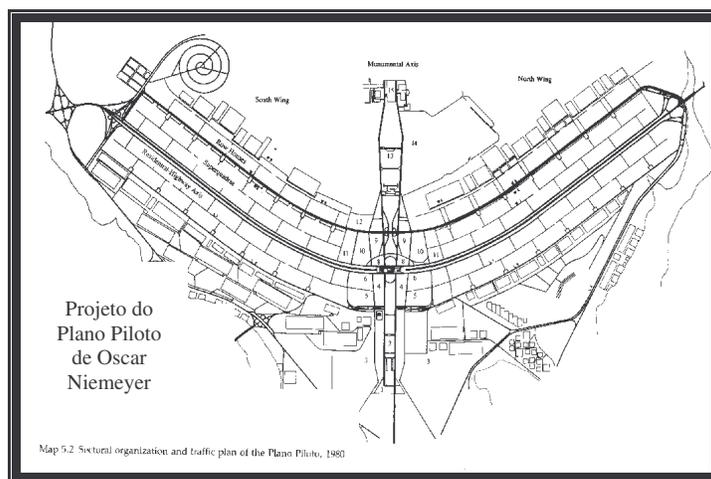
Na prática, resultou na concretização da profecia do italiano João Bosco, hoje seu padroeiro. Como é relatado e conhecido, foi na noite de 3 a 4 de setembro de 1883 que Dom Bosco, um então jovem padre salesiano, teve um sonho profético, resumidamente relatado por Christiaen. (apud Deis Siqueira, 1998, p.229):

"Na região de Goiás, região de um grande planalto, vejo elevar-se uma terra de riquezas inestimáveis, as quais um dia serão descobertas. Vejo se elevar uma grande civilização sobre este planalto, a bordo de um lago, entre o 15º e o 20º paralelo. Lá surgirá uma futura terra prometida...lá correrá leite e mel...lá será de uma riqueza incomensurável".

A profecia de Dom não foi a única sobre a criação de Brasília. No entanto, é a reconhecida, tanto oficialmente quanto pelos historiadores, políticos e pesquisadores da cidade. A propósito, diz Holston (1993, p.24):

"A interpretação oficial sustenta que a topografia dessa visão corresponde precisamente à do sítio de Brasília, construída entre o décimo quinto e o décimo sexto graus de latitude, e que o lago que se formava seria o lago artificial da cidade, o Paranoá...para confirmar mais uma vez que São João Bosco estava se referindo à nossa Capital...a grande civilização que ora surge no Planalto Central do Brasil, o Santo afirmou que aqueles sonhos descritos seriam vividos na terceira geração".

A profecia de Dom Bosco (1883) antecipou em oito anos o que constaria oficialmente na constituição de 1891, já que a idéia da Capital brasileira sair do Rio de Janeiro e ir para o sertão existia desde finais do século XVIII. Muitos assim a expressaram com objetivos e interesses tão contraditórios quanto estratégicos. A idéia de Brasília tanto era vista a partir da perspectiva do desenvolvimento quanto como meio de povoar os sertões brasileiros, como agente civilizador e de integração nacional.



Mapa cartográfico do Plano Piloto de Brasília

Oscar Niemeyer, responsável pela arquitetura de Brasília, via nessa cidade uma chance de uma vida nova e melhor para todos. Niemeyer e Lúcio Costa, quando conceberam a arquitetura e o plano urbanístico da capital da ordem do progresso, unguídos de monumentalidade, objetivamente tinham que reproduzir no plano simbólico a relação entre o centro sistêmico da inteligência áulica e o mundo periférico do trabalho profano. A mitologia imanente de Brasília insere-se na produção em série de Eldorados, tão peculiar à história no Brasil. Nesse sentido, afirma Pereira (1997, p.141):

“acossado pelas dificuldades encontradas na formulação de uma explicação coerente entre as preferências arquitetônicas e seu posicionamento político, Oscar foi levado a apelar para uma visão premonitória da História, colocando sua arquitetura como cenário de

uma vida futura. Assim, ele pede que a vida mude, que seja tão bela quanto às formas arquitetônicas que concebe. Sua arquitetura cria o cenário para essa transformação”.

Entretanto, a construção da nova capital no final da década de 1950, durante o governo de Juscelino Kubitschek, incentivou uma multidão de pessoas, a maioria em busca de trabalho, a vir para o Planalto Central. Grande parte dessas pessoas passou a viver numa terra deserta, desconhecida e sem estrutura social, principalmente após a inauguração de Brasília. Sobre este aspecto, afirma Branco (1997, p.23):

"O modelo de Brasília reproduz e atualiza, no espaço, a lei de ferro das oligarquias dominantes na história nacional, ao cristalizar um sistema, cujo centro iluminado pela racionalidade técnico-científica pressupõe, perversamente, a existência de uma periferia reduzida ao mero exercício de funções aclamatórias em virtude do confisco de seus direitos mais elementares."

Esse contexto histórico favoreceu o aparecimento de pessoas que se preocupavam e buscavam confortar o povo carente que, em sua maioria, estava longe de suas origens. O sonho de Niemeyer e de todos acabou, pois, com a morte de Juscelino Kubitschek, o Brasil entraria num sério período de sua história, haja visto as décadas de 1960 e 1970 registraram o Estado, sob o regime militar desde 31 de março de 1964, como aparelho de repressão controlador da vida social e cultural do povo brasileiro.

No mesmo ano do golpe militar foi criado o SNI - Serviço Nacional de Informações -, que tinha a função de organizar e desempenhar a repressão. Esse período foi marcado por vários tipos de perseguição, entre elas a política e a cultural.

Como todo regime ditatorial que se preze, o aparelho repressivo do Estado foi extremamente aperfeiçoado pela Lei de Segurança Nacional (1969), que legalizava a perseguição, a expulsão e a demissão de estudantes e professores e a intervenção nas universidades.

É compreensível, pois, que uma tal máquina tenha desenvolvido uma repressão cultural sem precedentes na vida do País.

Além da omissão social característica da construção de Brasília, a nova capital passou a sua infância e adolescência sob um regime autoritário e perseguidor.

Como consequência do descaso social e do regime militar, as pessoas que vieram para o Planalto Central assistiram e viveram o duro golpe que lhes tirara o sonho de uma vida mais justa e feliz. Além do sonho ter acabado, essas pessoas foram excluídas e segregadas espacialmente, pois o acesso ao solo da nova capital era extremamente controlado.

Enfim, a finalidade desta rápida vista d'olhos sobre acontecimentos ocorridos em Brasília na época do surgimento do Vale do Amanhecer, destinou-se a mostrar o contexto histórico em que Neiva Chaves Zelaya viveu quando criou essa comunidade religiosa.

Quanto à origem mística de Brasília, as estudiosas Lourdes Bandeira e Deis Siqueira procuraram respostas sobre esse aspecto da cidade e compararam dados de seu nascimento e opiniões do imaginário popular. A partir da metade do século XX, ressurgem, como novos matizes, os fenômenos místicos, religiosos, esotéricos, tanto no primeiro mundo como na América Latina.

As informações sobre o nascimento de Brasília não param por aí. Lourdes Bandeira e Deis Siqueira (1999, p.14) realizaram uma pesquisa sobre as práticas esotéricas existentes no Distrito Federal, o que possibilitou a definição de um perfil sócio-demográfico dos adeptos das práticas místicas.

“A origem mística de Brasília fica patente desde a profecia de muitos visionários, com destaque para a de Dom Bosco, que se tornou hegemônica. Tem sido cantada e proclamada até mesmo pelas vozes dos candangos pioneiros”.

A criação de Brasília viabilizou, entre outras questões, o retorno do fenômeno místico-religioso, acompanhando de outro retorno, tão vasto quando inter-relacionado ao sagrado, ou seja, da dimensão do simbólico.

Talvez a idéia de retorno seja demasiado estreita para contemplar os fenômenos místico-religiosos e simbólicos que, de maneiras nuançadas, nunca deixaram de existir, de estar presentes como espaços de múltiplas concepções, vivências e práticas, desde bem antes da modernidade e da própria concretização de Brasília.

Desde sua concepção, ainda na prancheta do urbanista, uma cruz, no centro da nova capital, deixava claro que Brasília não seria apenas uma seqüência de cubos, quadrados, retângulos, círculos, uma mera aula de geometria, uma vez que o cruzamento dos eixos que cortam a capital marcaria a alma da cidade futurista, a Capital do Terceiro Milênio. Mais de 700 organizações esotéricas, religiosas, filosóficas migraram para o Planalto Central brasileiro, formando uma babel de correntes que chama cada vez mais a atenção dos turistas e amantes da espiritualidade.

Não foram poucos os que encontraram semelhanças entre Brasília e o místico Egito antigo. Não apenas na espiritualidade, mas também na arquitetura e no traçado urbanístico.

Concebido originalmente como a forma de um avião, para os mais crédulos o Plano Piloto de Brasília tem mesmo a forma de um pássaro e se assemelha ao pássaro egípcio Íbis. O sol – deus da antigüidade – nasce no centro dos prédios do Congresso no dia do aniversário da cidade; no Egito antigo, o sol nascia sobre do sarcófago do faraó no dia do seu aniversário. Coincidência ?



Semelhança do pássaro Íbis. O deus egípcio com o Plano Piloto de Brasília.

Um olhar mais atento poderá enxergar a esfinge enigmática até mesmo no Panteão da Democracia, em plena Praça dos Três Poderes, ou topar com uma pirâmide na 915 sul. Ali, por sinal, está um dos pontos turísticos mais visitados em Brasília: o Templo da Boa Vontade.

Na LBV, o ambiente é de silêncio quase absoluto na pirâmide brasiliense. No alto, um cristal de 21 quilos, o maior encontrado no país, concentra energia e luz. As pessoas, descalças, caminham pelas pedras negras de uma espiral até tocar num pequeno círculo de cobre sob o cristal. O retorno é pela espiral de pedras brancas, que significa o

trajeto da purificação. Existe ainda uma sala egípcia que acolhe, para meditação, praticantes de qualquer religião.



Templo da Legião da Boa Vontade

Outra Pirâmide, às margens do Lago Paranoá, marca o profético sonho de Dom Bosco, que previu, em 1883, o surgimento de uma nova civilização entre os paralelos 15 e 20 do globo terrestre, onde brotaria leite e mel. A minúscula capela, projetada por Oscar Niemeyer, foi construída exatamente sobre o paralelo 15, de onde se vê o mais belo pôr-do-sol de Brasília.

A marca dos egípcios e de outros povos antigos – gregos, romanos, maias, incas, nagôs, ciganos – está também no dia-a-dia dos moradores do Vale do Amanhecer. A religiosidade dessa comunidade religiosa talvez seja o maior exemplo de sincretismo religioso do país. Os adeptos e suas roupas coloridas fazem suas orações próximos a um lago com a forma da estrela de Davi.

A Capital do Terceiro Milênio abriga, ainda, uma Universidade Holística Internacional, a Unipaz, da Fundação Cidade da Paz. Ali se estuda a vida, a paz, os direitos do ser. Uma maneira de olhar o mundo por meio da integração entre a ciência e

as tradições espirituais da humanidade. A Fundação fica a apenas 26 quilômetros do centro de Brasília, um paraíso com belos jardins e piscinas de água natural.

Fica na cidade, também, a maior mesquita islâmica da América Latina. São, ao todo, cinco blocos em legítima arquitetura muçulmana e mais um minarete de 37 metros de altura. É dessa torre, na 912/913 Norte, que os fiéis são chamados para as cinco orações diárias obrigatórias.

Os japoneses também marcam presença na Babel mística com a construção de uma réplica do templo de Fukui. O Templo Budista da Terra Pura, na 315/316 sul, contrasta com o estilo moderno de Brasília há mais de 25 anos. Durante os cultos, um monge budista comanda as orações em trajes litúrgicos japoneses. Para cá vieram ainda a fundação Seicho-no-iê, uma ciência mental, que une filosofia, religião e palavras simples para transmitir que o homem é o filho de Deus ; a sociedade Marikari, que trabalha com a arte da imposição das mãos para purificar as pessoas; a Ordem Rosa Cruz, uma sociedade místico-filosófica que surgiu no Egito há mais de 3 mil anos e que trabalha com o autoconhecimento; a matriz maçônica do Grande Oriente do Brasil, com sede arrojada na 913 sul. Enfim, Brasília, a Capital do Terceiro Milênio, oferece uma infinidade de oportunidades para quem quer se aprofundar nos mistérios da alma humana. Dentro deste quadro de pluralidade religiosa, destaca-se o Vale do Amanhecer pelo seu caráter sincrético.

Outro espaço marcado pelo sincretismo de práticas místicas e esotéricas na região geográfica do Planalto Central é o Alto Paraíso, a 241 quilômetros da Capital Federal e recebe o título de lugar mais esotérico do Brasil. Com uma população de quatro mil habitantes, Alto Paraíso respira misticismo. Explicações para o fenômeno não faltam. A cidade é o ponto mais alto do estado de Goiás (1700 metros de altitude).

Há quem credite a atração pelo alternativo ao fato de a cidade ter sido construída sobre uma grande placa de cristal, o que conferiria ao local um tipo de energia. Há ainda quem faça o vínculo espiritual de Alto Paraíso com Machu Pichu, no Peru. Talvez, por isso, as pessoas que ali moram, ou a visitam, estão sempre à espera de seres extraterrestres ou de alcançar um nível de interação com o cosmo a partir da prática cotidiana de terapias e filosofias alternativas.

Outro movimento religioso que também ilustra essa tendência à hibridização espiritualista, ainda que dentro de um invólucro mais modernizador, é o que atualmente se desenvolve no interior do templo construído pela Cidade Eclética.

A Fraternidade Eclética Espiritual Universal Cidade Eclética constitui-se o primeiro grupo que veio para esta região no município de Santo Antônio do Descoberto. Sua sede-matriz-principal instalou-se no Planalto Central do Brasil no dia 4 de novembro de 1956. Na cidade eclética acontecem trabalhos de umbanda, sessões kardecistas e até missas ortodoxas. Yokaanam é o fundador da doutrina eclética. Afirma Meyer (apud Araújo.):

"A solidão das pessoas em Brasília é uma verdade diz o psiquiatra Luiz Meyer, antigo morador da cidade que formula uma teoria explicativa: As pessoas de Brasília em geral emigram de antigos centros tradicionais e encontram um meio que se isola do seu contexto cultural, não oferecendo uma vida social organizada semelhante à original, a esta procura da religião, seria como um apelo de emergência, não simplesmente uma religião enquanto filiação a um culto, num sentido mais geral também por exemplo, as pesquisas sobre discos-voadores, uma característica de Brasília,

cumpriria a mesma função da religião, isto é: suprir a necessidade de um diálogo sobre algo em comum que dê coesão de grupo diante da pobre vida social que a cidade oferece".

1.2 - O VALE DO AMANHECER: OS PRIMEIROS PASSOS DA COMUNIDADE.

A primeira comunidade funcionou na Serra do Ouro, próxima à cidade de Alexânia, Goiás. Mudou-se para Taguatinga, cidade satélite de Brasília. Registrou seus estatutos logo em seguida, em 30 de junho de 1964, sob a denominação de Obras Sociais da Ordem Espiritualista Pai Seta Branca e fixam como objetivo a prática do espiritismo cristão e a beneficência social. Como prática do espiritismo cristão os estatutos entendem os trabalhos de desenvolvimento mediúnico, estudos, pesquisas e todo o necessário para a formação de um perfeito corpo mediúnico, com base no Evangelho de Cristo.

Por isso, entre os deveres dos sócios está primeiramente o acatamento da doutrina espírita, seu estudo e a adoção dos princípios morais do Evangelho. Os médiuns da Ordem entendem-se como os seguidores de Cristo Jesus, na prática do espiritismo cristão.

Essa linguagem é característica do espiritismo kardecista no Brasil, como também a definição de beneficência social, assim definida estatutariamente: (...) consultas espirituais (...) passes de cura (...) desobsessão (...) orientação doutrinária (...) cura do alcoolismo e moléstias obsessivas (...) amparo e doentes indigentes (...) orientação a inadaptados socialmente e convalescentes carentes de recursos. (Artigo 1º, Parágrafo 2º dos Estatutos). Exatamente esses trabalhos são característicos do espiritismo kardecista. Assim, a definição estatutária dos rituais, dos objetivos da

Ordem é a do espiritismo kardecista. Mas constatou-se que na realidade a Ordem Espiritualista também apresentava características típicas da religiosidade afro-brasileira.

A sede da Ordem em Taguatinga estava localizada num barraco que abrigava um orfanato, um templo e a moradia da família de Tia Neiva e mais quatro famílias. Não se distinguia das outras casas dos arredores. Na entrada havia uma placa com os dizeres orfanato Francisco de Assis. Incluindo os órfãos do orfanato, residiam ali, em 1968, 63 pessoas com idade entre 1 a 60 anos.

Em 1969, Tia Neiva, seus familiares, os órfãos e alguns médiuns transferem seus barracos para a fazenda abandonada Mestre D'Armas, hoje conhecida por Vale do Amanhecer, localizada no km 10 da Rodovia DF-15, próxima à cidade de Planaltina.

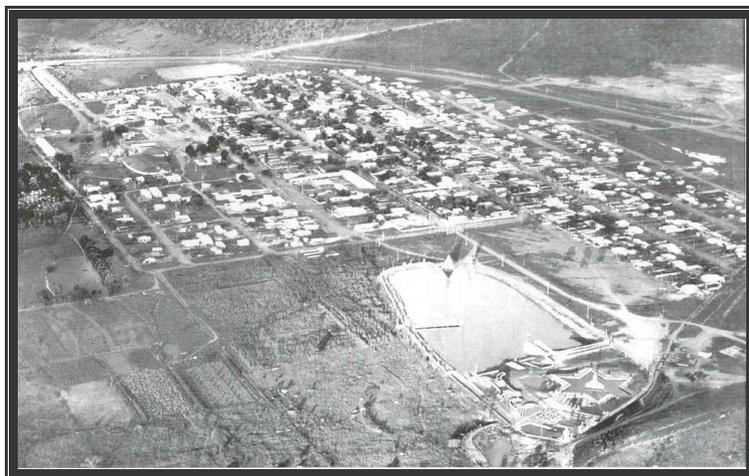
Sassi (1987) informa que algum tempo depois houve um acordo de cavalheiros entre o então governador do Distrito Federal e Tia Neiva, no sentido de permanecerem temporariamente no Vale do Amanhecer, sob a condição de não permitirem a vinda de novos moradores, no intuito de evitar a formação de mais uma cidade-satélite. Essa ocupação temporária do Vale do Amanhecer deveria terminar com o início da construção de uma represa para o abastecimento de água de Brasília, motivo pelo qual a área havia sido desapropriada e abandonada.

Em 1980, jornais e revistas anunciam o início da construção da represa e da inundação do Vale. Tia Neiva responde aos repórteres que Pai Seta Branca com certeza lhes indicará uma nova área, pois o assentamento no Vale do Amanhecer também teria acontecido por ordem do mesmo.

Em 1987 o Governo novamente anunciou o início das obras, nada se concretizou. Desse fato pode-se deduzir a grande influência que a Ordem teve junto aos órgãos governamentais.

"Também no Vale o início é simples, marcado por penúria e pobreza, Em 1976 alguns barracos são substituídos por construções de alvenaria. O governo do Distrito Federal oferece uma infra-estrutura com escola, água encanada, luz elétrica e uma linha de ônibus" (Correio Braziliense, 15 jan., 1973, p.12).

Devido a essa situação privilegiada, há descontentamento por parte de outras vilas e bairros da cidade vizinha de Planaltina.



Visão aérea do Vale do Amanhecer

1.2.1 - INSTITUCIONALIZAÇÃO: 1959 A 1985.

O Vale do Amanhecer viveu um clima de intensa efervescência depois de um quarto de século em que esta comunidade religiosa conviveu com a presença e a liderança de sua fundadora.

Ao longo desse período, essa comunidade religiosa consolidou a visão de mundo e a sua estrutura técnica e funcional sagrada, no sentido de que, durante todo

esse período, os símbolos, espaços e rituais sagrados foram criados e implementados por Tia Neiva com o objetivo primordial de prepará-la para lidar com o caos.

A evolução desse sistema religioso mudou toda a área que abriga o atual Vale do Amanhecer uma vez que a estrutura técnica/funcional sagrada dessa comunidade ali se especializou, transformando radicalmente esse local. A rápida transformação da paisagem caótica em um lugar sagrado, ordenado, ocorreu durante este quarto de século na gestão religiosa de Tia Neiva.

Durante essa gestão, a noção de tempo e de espaço mudou para os adeptos e seguidores de Tia Neiva. Com isso a vivência, a percepção e o imaginário elaborados pelas pessoas que conviviam com ela e com o sagrado por ela criado ou manifestado por meio dela, passaram a ser influenciados pela nova noção de tempo e espaço.

As práticas espaciais que ocorreram nesse período e que ainda ocorrem, eram práticas sociais/religiosas que tinham como objetivo atender as orientações dadas por Tia Neiva.

A partir de 1985, a Ordem passa a viver um tempo novo, ou seja, tanto a espiritualização quanto a administração ficaram a cargo dos doutrinadores, mais especificamente dos chamados Trinos: Tumuchi, Sumanã e Ajarã. Três doutrinadores que ocupam o mais alto posto na hierarquia sagrada do Vale do Amanhecer. Esses novos líderes tiveram que tomar uma série de medidas que visavam garantir as condições necessárias para a manutenção do sistema religioso do Vale do Amanhecer. Essas medidas estavam alicerçadas em quatro grandes eixos:

I) manutenção das leis e regras dos rituais;

II) manutenção da hierarquia sagrada deixada por Tia Neiva;

III) manutenção do atendimento aos clientes/visitantes;

IV) manutenção dos cursos de aperfeiçoamento dos médiuns (iniciações). As iniciativas adotadas nesse sentido caracterizam a passagem de uma liderança (dominação) carismática exercida por Tia Neiva, para uma liderança (dominação) burocrática.

Em função disso passou-se a valorizar cada vez mais o livro fundamental dessa comunidade religiosa, cujo objetivo primordial era o de preservar e manter intacto o que foi deixado por Tia Neiva. Em outras palavras, o carisma de Tia Neiva foi substituído por um livro de leis e regras.

Segundo Weber (1991, p.160):

“A dominação burocrática é especificamente racional no sentido da vinculação a regras discursivamente analisáveis: a carismática é especificamente irracional no sentido de não conhecer regras”

Entretanto, apesar do Livro de Leis, os Trinos têm autonomia, autoridade para modificar os rituais ou adaptá-los às condições atuais e tudo o mais que diga respeito à estrutura técnica/funcional sagrada dessa comunidade.

E foi o que aconteceu. Atendendo às exigências de um número cada vez maior de adeptos e visitantes, os Trinos tiveram que dar maior funcionalidade e fluidez a alguns rituais, principalmente aos mais demorados.

As modificações que ocorreram, segundo depoimento dos adeptos, geralmente criavam e criam até hoje um ambiente de intranquilidade para todos os adeptos da comunidade, em função do medo que estas mudanças causavam e causam, pois elas poderiam estar ferindo as orientações deixadas por Tia Neiva. Além disso, durante um

certo período, questionou-se a validade do novo cânone legal, ou seja, do novo conjunto de regras. No fundo, os questionamentos se orientaram pelo desconforto que toda mudança profunda traz. Não apenas porque, sob o ponto de vista das externalidades, estas mudanças impactaram diretamente sobre os rituais sagrados, mas também, e sobretudo, porque essas mudanças inauguraram uma nova administração, uma administração burocrática do sagrado no Vale do Amanhecer. Ou seja, implanta-se um processo de substituição de convicções, no sentido de que os Trinos têm uma maneira particular de liderar a comunidade do Vale do Amanhecer, apesar de estarem de acordo com os preceitos deixados por Tia Neiva.

As mudanças na organização desse sistema religioso, regidas por novas normas explícitas, supõem uma transição entre um e outro regime. Entretanto, elas não operaram-se de maneira abrupta, ou até mesmo imposta.

Embora a nova administração do sagrado tivesse passado a vigorar imediatamente, as mudanças foram sendo incorporadas gradualmente. A promulgação de uma nova forma de liderança já constava no rol dos ensinamentos propostos pela visão de mundo do Vale do Amanhecer e as mudanças feitas posteriormente não abalaram a essência da arte do fazer sagrado nessa comunidade.

A relativa passividade com que os adeptos/seguidores de Tia Neiva aceitaram as mudanças, deve-se ao fato de que os Trinos foram consagrados por ela mesma para ocuparem o seu lugar.

É bem verdade que eles não possuem o carisma da fundadora, por isso fazem uso de uma burocracia sagrada para administrar a comunidade. Assim sendo, a nova administração, ou nova liderança nessa comunidade, não se baseia num princípio democrático, uma vez que toda a funcionalidade da mesma gira em torno de uma

estrutura hierárquica extremamente enraizada; por isso as decisões que levam a mudanças são tomadas não a partir de consultas coletivas aos adeptos de menor hierarquia e sim segundo as determinações sagradas dos Trinos, inspirados nos ensinamentos deixados por Tia Neiva.

1.2.2 – A CONSTRUÇÃO DA VISÃO DE MUNDO

A primeira fase do processo do contato de Tia Neiva com os personagens de outro mundo, que trouxeram a visão de mundo do Vale do Amanhecer, durou de 1958 a 1964 e foi de adaptação e aprendizados.

Como dito anteriormente, enquanto Tia Neiva encontrava-se viva, todas as ordens dos espíritos se traduziam em aplicações imediatas criando novos espaços, símbolos e rituais sagrados.

Logo que Tia Neiva dominou a técnica do transporte consciente, isto é, a capacidade de sair do corpo conscientemente, deixá-lo em estado de suspensão, semelhante ao sono natural, e se deslocar em outros planos vibratórios, ou seja, outros mundos espirituais, que não possuem constituição física, começou seu aprendizado com os personagens de outro mundo. Segundo Sassi (1987, p.15):

“O transporte é um fenômeno natural – todos os seres humanos o fazem quando dormem – mas, o que havia diferente na clarividência de Tia Neiva é o registro claro do que acontece durante o fenômeno, na sua consciência normal. Todos nos transportamos durante o sono mas as coisas que vemos ou fazemos só irão se traduzir na ação em nossas vidas inconscientemente, ou seja, nós não sabemos que fazemos coisas em nossa vida com base nesse fenômeno”.

Tia Neiva dizia que o transporte era ... “um precioso instrumento mediúnico, mas que dependia muito de disciplina e treinamento”(apud, Sassi, 1987, p.16), e mais,

que no início D. Neném - médium que acompanhou Tia Neiva desde o início das manifestações mediúnicas - foi quem a orientava nos primeiros transportes com fonia. Nesta época, D. Neném estabeleceu um retiro que tinha início às 18 horas e, nesta hora, um grupo de pessoas mais íntimas da líder religiosa se reunia para acompanhar o trabalho de transporte.

Tia Neiva se deitava em um sofá e as pessoas ficavam em volta dela cantando hinos mântricos. Os hinos no Vale do Amanhecer são utilizados em todos os rituais. Eles têm a função de estimular os adeptos, preparando o ambiente para a realização das atividades espirituais. Conforme a firma Sassi (1987, p.25):

"a respeito do transporte Tia Neiva dizia que: "eu entrava numa espécie de sono natural e falava como se estivesse sonhando. Na verdade, apenas vocalizava, por meio do meu corpo, as coisas que aconteciam no local para onde havia me transportado. Mas os circunstantes não ouviam as vozes das pessoas com quem eu me encontrava".

Ainda a respeito do transporte, Sassi (1987, p.27), afirma que:

"...no transporte, a parte consciente do espírito sai do corpo e este permanece no plano físico, sendo apenas uma pessoa que dorme. O que sai, que nos estamos de parte consciente, e chamado e classificado de varias maneiras, conforme a corrente iniciática. Na verdade, consideramos o fenômeno como de difícil senão impossível entendimento da nossa razão limitada. O mais comum e se dizer que o espírito e que sai do corpo".

Em uma Carta Aberta, escrita por Tia Neiva em 06 de junho de 1960, ela relata uma experiência vivida por meio do fenômeno do transporte. Sassi (1987, p.33) faz o seguinte comentário a respeito deste transporte:

"Ela terminou o dia de trabalho, com um fenômeno, saiu para um transporte e penetrando na outra dimensão, verificou que as luzes multicoloridas eram opacas. Viu um casal conversando e quando queria perguntar alguma coisa, alguém dava uma explicação. Viu vários casais, que pulavam e brincavam ao som de um violino. Eles viviam seus amores sem nenhuma malícia porque ali era o plano das almas gêmeas. De repente uma moça desmaia, porque sua alma gêmea acabava de desencarnar em outro plano"

Segundo Sassi, em seu livro Partida Evangélica, o corpo que dorme tem toda sua vida em pleno funcionamento e está, portanto, dirigido pelo seu princípio anímico, sua psique, sua alma. A outra parte que é chamada de o espírito que fala, pensa, comunica-se, como no caso de transporte com fonia, fala por meio do corpo.

O transporte foi um fenômeno muito utilizado para a consolidação do aprendizado e da construção da visão do mundo que Tia Neiva usou para a implantação e estruturação da espiritualidade do Vale do Amanhecer.

Ele foi o mecanismo, o meio que possibilitou a instalação do cosmos, pois trouxe a visão de mundo que possibilitou a instalação do cosmos, a criação de um novo mundo para os adeptos/seguidores dessa comunidade viverem.

O desenvolvimento desse mecanismo, dessa técnica, foi essencial para que Tia Neiva pudesse dar vazão e, conseqüentemente, especializar todo o conhecimento do contato com outros mundos.

Esse conhecimento começou com as viagens espirituais de Tia Neiva para o Tibet, usando a técnica do transporte, pois lá ela recebia as instruções de um mestre

tibetano – que vivia num mosteiro de Lhasa do Tibet, também clarividente, que fora convidado por Pai Seta Branca a prepará-la no processo de edificação do Vale do Amanhecer.

Esse mestre, que ainda se encontrava vivo até 1981, chamava-se Umanhan, traduzido na linguagem do Vale do Amanhecer.

Iniciou-se, assim, uma etapa de extrema importância para a corrente, pois Tia Neiva ora se deslocava até o Tibet, outras vezes Umahan se deslocava até o Vale do Amanhecer. Desta forma, começava a se formar uma cultura doutrinária de leis e regras. Segundo Sassi (1985, p.125):

“Todas as coisas científicas da corrente foram trazidas a Neiva por este mestre. Um desses transportes com Umahan foi escrito por Tia Neiva da seguinte forma:

"Me transportei ao Tibet onde meu mestre Umahan me esperava. Não era muito do meu gosto aquela sala ou aquele palácio de Lhasa. Preferia suas lições no meu corpo, ou melhor, ele se desdobrando e vindo até mim"

Dadas as condições específicas que o transporte exigia de seu corpo, Tia Neiva contraiu uma deficiência respiratória que, em 1963, a levou para um sanatório de tuberculose em Belo Horizonte quase em estado de coma. Três meses depois, ela obteve alta e deu prosseguimento à implantação (materialização da sua visão de mundo) do sistema religioso do Vale do Amanhecer.

Tia Neiva se transportava para vários planos espirituais, tomava conhecimento do passado remoto, encarnações passadas dela e do grupo espiritual a que pertencia, recebia instruções de Pai Seta Branca e de outros espíritos e as transmitia para os seus

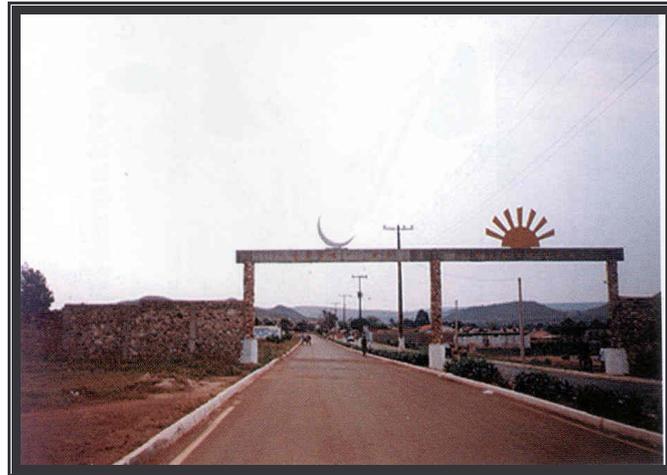
seguidores, implantando, assim, uma religiosidade dotada de uma visão de mundo baseada no contato com os espíritos e na sua liderança carismática. Acredita-se que Pai Seta Branca, considerado o líder espiritual mais importante do Vale do Amanhecer, tenha sido São Francisco de Assis em outra vida.

Em 1964, Tia Neiva e D. Neném se separaram, segundo os adeptos porque elas tinham missões diferentes, indo a primeira para Taguatinga, acompanhada do seu grupo de adeptos.

Em Taguatinga, os membros que acompanharam Tia Neiva construíram um barracão de madeira no Lote 15 da QNC 11 que era, ao mesmo tempo, residência e alojamento das crianças abandonadas. Na porta havia uma placa desbotada com os dizeres "Orfanato Francisco de Assis". Segundo Galinkin (1977, p.25), a situação das crianças que eram cuidadas pela comunidade do Vale do Amanhecer foi legalizada por meio da sua oficialização em 15 de dezembro de 1966, recebendo a denominação de lar das crianças de Matildes, o qual foi registrado no Conselho Nacional de Serviço Social, sob o número 244.741/67, e considerado de Utilidade Pública pelo Governo do Distrito Federal.

Esse local também servia como lugar de culto. Em substituição à UESB (União Espiritualista Seta Branca), fundaram a Ordem Espiritualista Cristã, registrada em cartório no dia 15 de abril de 1964. No dia 25 de maio de 1965, inauguraram o Templo, que estava localizado em um outro lote distante três quarteirões do Lote 15, onde os trabalhos espirituais passaram a acontecer. Já nessa época, o Templo abrigava os primeiros símbolos sagrados utilizados até hoje nos rituais.

Em 1969, o grupo transferiu-se para o local onde hoje está alojada a comunidade, local este que era uma pequena fazenda, dando ao lugar o nome de Vale do Amanhecer.



(Portal) Entrada principal do Vale do Amanhecer

Inicialmente a maioria da população era constituída por menores abandonados que foram abrigados por Tia Neiva e algumas dezenas de adeptos/seguidores que acompanharam Tia Neiva desde Taguatinga.

1.2.3 - AS TÉCNICAS EMPREGADAS NO VALE

Sassi (1988) defende que todo o trabalho do Vale se dá com base na técnica de manipulação de energias. A força que permite controlar as energias de origens e teores diversos é a mediunidade. A força mediúnica é alimentada pela energia animal, produzida no organismo, chamada ectoplasma, fluido ou magnético animal.

Trata-se de uma energia sutil, que todos os organismos da Terra produzem, mas que no ser humano atinge teor diferente, quantidade elevada e cuja propriedade fundamental é a de colocar em contato dois planos vibracionais diferentes, duas dimensões. Dessa forma Sassi (1988, p.29), afirma que:

“É portanto, o ectoplasma o responsável pelos contatos, entre o mundo sensorial e palpável, com os outros planos da vida normalmente imperceptíveis aos sentidos. Por se tratar de uma energia produzida à revelia da vontade, os efeitos que ela produz nos atos humanos independem da crença, religião ou posicionamento no meio social”

O desconhecimento desse fato simples e biológico, ou a sua conceituação inadequada, está na raiz da maioria das dificuldades humanas sendo, como é, a maior fonte de dor, qualquer que seja sua natureza.

Informa Sassi (1988) que o Médiun é uma pessoa que admite e conhece essa energia pela experiência e procura habilitar-se para a controlar conscientemente. Com isso, ele aprende que o homem alivia muito seu sofrimento quando conhece suas forças.

Na primeira fase dessa experiência, o novato desenvolve sua mediunidade para obter seu equilíbrio pessoal, para se colocar numa posição de harmonia com o mundo que o cerca. Uma vez conseguido isso, ele é credenciado para o atendimento, que na verdade é apenas a continuação do seu desenvolvimento. Quanto mais o Médiun trabalha, mais ele aprende e melhor fica conhecendo como usar suas energias. O progresso constante traz sua realização pessoal.

Sassi (1988) comenta que, se consideradas apenas pelo aspecto biopsicofísico, as energias são chamadas de cristãs ou forças da Terra. O conhecimento desse fato remonta a mais longínqua antigüidade e é simbolizado pela figura de um felino como, por exemplo, a figura que existe bem no centro da travessa superior na misteriosa Porta do Sol, nos altiplanos dos Andes. Essa figura do Jaguar é a mesma adotada pelo Vale do Amanhecer, cujos Médiuns são chamados de Jaguares.

Em contraposição às energias cristãs existem as energias crísticas, ou seja, a manipulação feita como o terceiro pólo do ser humano, o espírito, e não apenas com as forças psicofísicas.

No conjunto, as energias crísticas e as energias cristãs formam múltiplos de 7, sendo chamadas de positivas ou negativas; porém essas classificações não se referem à idéia de bem ou de mal.

Negativas são as energias que a partir da superfície atuam como fio terra; positivas são aquelas que partem dos planos vibracionais mais sutis.

O ser humano equilibrado é aquele que mantém a proporção certa de energias negativas ou positivas. Enquanto o espírito ainda está na Terra, isto é, ele é um espírito encarnado, um homem comum, ele tem 3 forças positivas e 4 negativas. Isso quer dizer que sua tônica está na vida da Terra, no plano da economia planetária. Se ele inverter essa posição, sublimar uma delas, ele passa a ser um ser humano desligado, desequilibrado em relação às leis do mundo.

Constata Sassi (1988) que esse conhecimento técnico é que permite aos médiuns a capacidade de curar, isto é, de equilibrar ou reequilibrar a pessoa, de acordo com os planos da natureza e dessa mesma pessoa.

1.2.4 - A FILOSOFIA BÁSICA DO VALE

A idéia mais simples e mais de acordo com a realidade que se pode ter do Vale do Amanhecer é que se trata de um grupo humano, de pessoas comuns, as quais, mercê de suas dores e da busca de um lenitivo para elas, decidiram trabalhar para si e para seu próximo, baseadas nas exortações do Mestre Jesus, resumidas numa série de conceitos

sob o título de Doutrina do Amanhecer, que é também chamada de O Evangelho do Vale do Amanhecer.

Para que não haja a mínima dúvida quanto a essa Doutrina, os ensinamentos do Mestre Jesus são colocados de forma acessível a qualquer pessoa, independente de nível cultural.

Acrescenta Sassi(1988, p.33):

"A "Doutrina do Amanhecer" se resume em três proposições básicas de Jesus: O Amor, Tolerância e Humildade. Com essas três posições é possível a qualquer ser humano reformular sua existência, adquirir uma visão mais ampla da vida e equacionar seus problemas desta Terra"

Alicerçada neste triângulo, defende Sassi (1988, p.34)

"que a Escola do Caminho do Mestre Jesus permite compreender e analisar tudo que se passa em nosso mundo e abrir caminho para as soluções da vida"

A primeira resultante dessa filosofia básica é que a verdade só é percebida individualmente por cada pessoa. Logo, o mundo não é como é, mas sim como cada pessoa o vê. Essa posição é diametralmente oposta aos conceitos vigentes nas bases da fase atual da nossa civilização, cuja posição é de que o mundo é como é e não como nós o vemos.

Por essas duas maneiras de ver, podem-se conceituar as coisas e as pessoas. No primeiro caso, o mundo e o universo estão de acordo com o dimensionamento da consciência do observador, e ele está em paz com o que o cerca.

No segundo caso, o homem vive em angústia porque não tem certeza de nada que o cerca. Nesse caso, ele vive em desacordo com a realidade, porque supõe que o mundo é algo diferente daquilo que registra.

Nessa posição o homem é inteiramente dependente do que lhe é dito e ensinado. Logo, ele não tem individualidade e é apenas uma parte do coletivo. Na sua mente predomina a personalidade padronizada.

Para que essa posição crítica possa ser entendida, sem restar margem a dúvida, o Vale ensina que o ser humano, o homem, toma as suas decisões com base nos estímulos, que partem de três diferentes fontes, existentes em si mesmo: a física, a psicológica e a espiritual.

Resumindo: o homem é composto de corpo, alma e espírito, separando objetivamente a idéia de alma (Psyquê) da idéia de espírito.

Tais conceitos podem ser encontrados mais detalhados nos livros publicados sob a responsabilidade da Ordem Espiritualista Cristã, a entidade jurídica que rege o Vale do Amanhecer, particularmente No Limiar do Terceiro Milênio e Instruções Práticas para os Médiuns, sendo este último publicado em fascículos.

1.2.5 - A MISSÃO DO VALE

Acredita-se que o Vale do Amanhecer tem um programa de trabalho no qual podem ser distinguidos dois aspectos fundamentais: o atendimento direto, físico, pessoal e, por outro lado, a influência indireta, à distância.

No primeiro caso estão os templos físicos que além do Vale do Amanhecer já existem em vários Estados do Brasil perfazendo, até 1987, 55 Templos.

No segundo caso, no que pode ser chamado de atendimento indireto, está o acerto de quase três décadas de contínuo atendimento, com milhares de pessoas que equilibraram suas vidas nos Templos do Amanhecer, e de obras publicadas. Essas pessoas e os livros vão levando uma mensagem de esperança e ajudando na formação de idéias e perspectivas do ser humano, mais coerentes com a realidade, que explicam o homem para si mesmo e lhe despertam o interesse pela Vida e não para a Morte.

A Doutrina do Amanhecer não trabalha somente para ajudar a pessoa para o após morte; ela trabalha para ajudá-lo a viver a Vida.

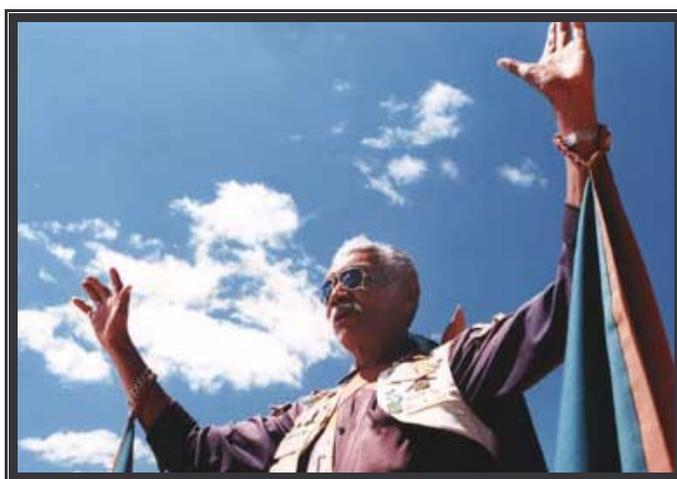
Salienta Sassi (1988, p.33):

“...que com base no preceito de Jesus do não julgamento, o Vale não preconiza forma alguma de comportamento mas aceita a pessoa como ela é, sem discriminação. Quanto maior for a situação do paciente, tanto em relação a si mesmo como ao mesmo em que vive, maior é a sua necessidade de ser recebido com amor e tolerância. Só essa aceitação, sem julgamento, sem críticas e sem recriminações é que podem permitir o reequilíbrio do homem. Só o amor pode despertar a capacidade de amar e só a tolerância irrestrita abre a oportunidade de um ser humano se encontrar. Para que o amor e a tolerância sejam possíveis concretamente, é necessário haver humildade, sem, naturalmente, confundir-se humildade com humilhação”

Por isso o Vale é simples nas suas pretensões, sem querer reformar o mundo ou achando-se o dono da verdade. Para que essa posição possa ser autêntica, emprega-se uma forma hábil de trabalho: ali só existem duas qualidades de gente – Clientes ou Médiuns. O Vale nada tem a ver com as pessoas fora do recinto, sejam elas Médiuns ou Clientes. Porém, uma vez adentradas, as pessoas são convidadas a tomar uma ou outra posição.

Se ela é Médium da Corrente, ela fica obrigada a seguir os rituais e atender a quem quer que seja, nada podendo aceitar em troca.

Se ela é Cliente, tem o direito de ser atendida e nada fica a dever, nem sequer a obrigação de ser adepta da doutrina. Informa ainda que a única coisa que é exigida dos médiuns é a abstenção do álcool, mesmo fora do recinto, condição essa indispensável para ele praticar seu mediunismo no Vale do Amanhecer.



Médium em trajes ritualísticos

1.2.6 - ANOS 90 – LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO FÍSICA DO ATUAL VALE DO AMANHECER

O atual Vale do Amanhecer está situado na zona rural de Planaltina, cidade satélite do Plano Piloto de Brasília. Ocupa uma área de 22 alqueires em forma de um triângulo formado na base pela rodovia DF-130. Essa estrada sai de Planaltina e termina no Km 32 da estrada Brasília – Unai. O Vale fica situado no Km 10, com acesso por uma ponte sobre o córrego Pípiripau. Esse forma o outro lado do triângulo até se encontrar com o córrego quinze. Na passagem do córrego Quinze, sob a DF-130, existe uma ponte que forma o limite do Vale do Amanhecer.

Os dois córregos, e mais o córrego Mestre D'Armas, todos confluindo no vértice do triângulo do Vale, vão formar o rio São Bartolomeu. O Vale dista aproximadamente 6 km da área urbana de Planaltina.

De acordo com dados do Censo realizado em 1996 (IBGE Sobradinho) a atual população do Vale do Amanhecer é de, aproximadamente, 9500 pessoas. Antes de se mudarem para o atual Vale do Amanhecer, Tia Neiva e seus seguidores viviam num sistema de comuna, onde tudo o que era produzido ou adquirido pelas pessoas era revertido em favor do grupo.

Atualmente, com uma população maior, e diversas atividades profanas e econômicas, o Vale do Amanhecer também pode ser visto como uma cidade dormitório, pois a maioria das pessoas exercem suas atividades econômicas em Brasília (Plano Piloto) e usam a cidade do Vale do Amanhecer apenas como local de dormir e de rezar, obviamente. Isto se deve e muito, em função da segregação social e econômica imposta pela política na construção de Brasília. Localizada na zona rural de Planaltina, mas mantendo ainda sua característica inicial e principal, o Vale do Amanhecer é uma cidade com função religiosa, uma hierópolis. Segundo Rosendahl (1996, p.74), há um considerável conjunto de hierópolis a serem estudadas. Elas merecem destaque, quer pela organização espacial que apresentam, quer pela atração que exercem como centro de convergência de peregrinos. Desempenham uma função que as desvincula da esfera do econômico, levando-as para a esfera do simbólico. As cidades-santuários revelam uma configuração espacial segundo uma lógica própria, isto é, os elementos decorrem de sua articulação com o sagrado.

No Vale do Amanhecer identificou-se um conjunto de símbolos e áreas consideradas lugares sagrados, que contribuem para caracterizá-la como uma hierópolis:

Segundo Rosendhal (1996, p.30):

“O pensamento religioso do homem e sua situação num mundo carregado de valores religiosos permitem que o homem identifique espaços qualitativamente diferentes de outros. O espaço profano e o espaço sagrado estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação do espaço requer sua distribuição entre sagrado e profano: é o sagrado que delimita e possibilita o profano”

A manifestação do sagrado, e sua especialização em determinados lugares, faz com que surjam espaços qualitativamente superiores a outros, faz com que apareçam espaços sagrados que são na perspectiva de Rosendhal (1996, p.63):

“...espaços qualitativamente fortes, onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida num objeto, numa pessoa, em inúmeros lugares”.

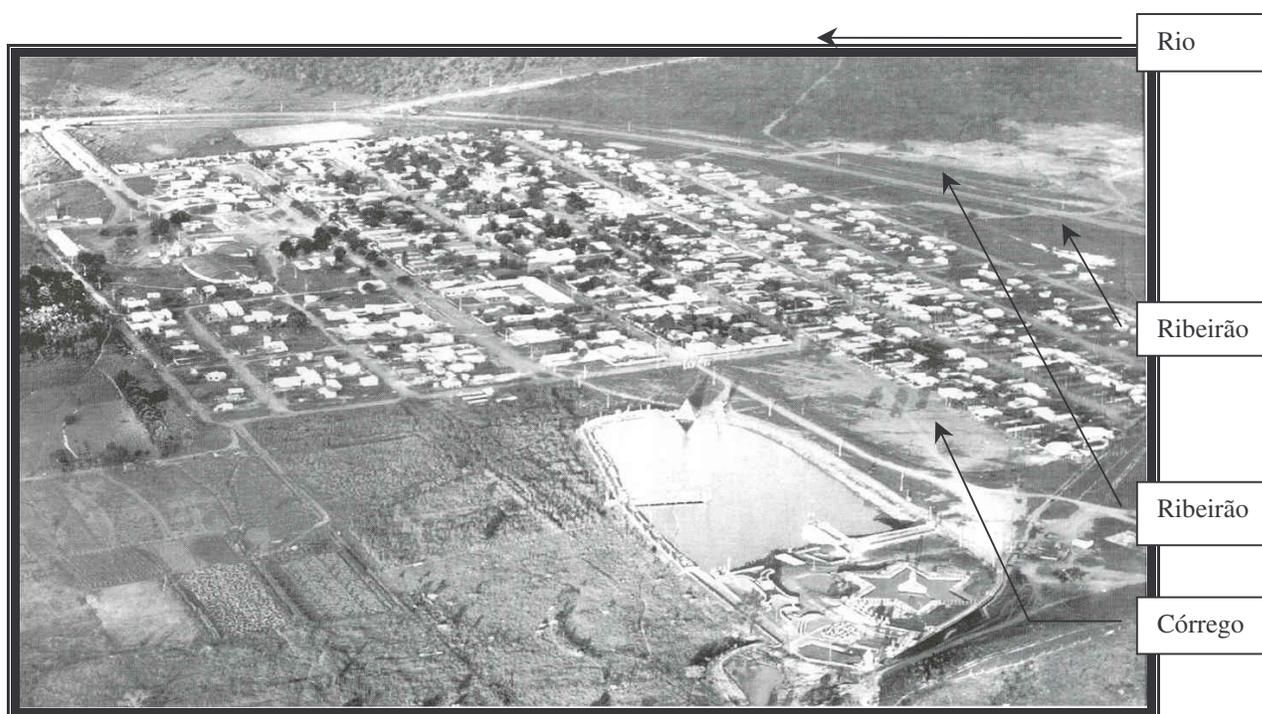
A criação desse mundo-cosmo é fruto da visão de mundo da comunidade religiosa, que foi a mola propulsora na criação dessa hierópolis em que, todo o sistema religioso gira em torno, e a partir de Tia Neiva.

A escolha do local para a instalação definitiva da religião Vale do Amanhecer foi feita pelos espíritos que conduziram Tia Neiva e seus seguidores até o atual Vale do Amanhecer. A importância deste acontecimento reside no fato de que, neste local., Tia Neiva pôde criar um novo mundo, sagrado, perfeito e ordenado, transformando o caos em cosmos. Nesse sentido, afirma Eliade (1957, p.36):

“Instalar-se num território equívale, em última instância, a consagrá-lo. Quando a instalação já não é provisória, como nos nômades, mas permanente, como é o caso dos sedentários, implica uma decisão vital que compromete a existência de toda comunidade. Situar-se num

lugar, organizá-lo, habitá-lo – são ações que pressupõem uma escolha existencial: a escolha do Universo que se está pronto a assumir ao criá-lo: Ora esse Universo é sempre a réplica do Universo exemplar criado e habitado pelos deuses: participa, portanto, da santidade da obra dos deuses”

Observa-se, na foto abaixo, que a hierópolis do Vale do Amanhecer está cercada por 1 córrego, 2 ribeirões e 1 rio. Esta característica natural lhe confere uma certa proteção contra o avanço de novas ocupações ou loteamentos.



Visão aérea do Vale do Amanhecer

Neste sentido, esta característica natural acaba por impedir ou amenizar a dinâmica ocupacional urbana tão peculiar ao Distrito Federal.

Além desta característica, contribui também para uma certa estagnação do número de habitantes nesta hierópolis, o fato de que a sua área já está quase que completamente ocupada não apenas por formas ou atividades religiosas.

Entretanto, dedicar-se-á mais intensamente nos capítulos seguintes à análise da lógica do sincretismo presente nos espaços em forma de símbolos.

Evidentemente, seria incorreto afirmar que o estudo geográfico desta hierópolis se restringe apenas à análise do arranjo espacial das coisas e nem tampouco se poderia afirmar que se restringe à análise da lógica desse arranjo espacial, mas como se propõem contribuir para o entendimento da espacialidade religiosa do Distrito Federal, dedica-se, mais especificamente, à compreensão do sistema de símbolos e da visão de mundo desse grupo religioso.

Busca-se, como dito anteriormente, compreender a lógica do arranjo espacial que diferencia e separa basicamente o que é sagrado do que é profano. O capítulo II aborda como a visão de mundo dessa comunidade religiosa influenciou a construção dos espaços sagrados, criados para abrigar os rituais que mantêm o caos longe do cosmos.



Solar dos médiuns

1.3 – TIA NEIVA

Neiva Chaves Zelaya, Tia Neiva como ficou conhecida no Vale do Amanhecer, nasceu em Propriá, no Sergipe, em trinta de outubro de 1925. Casou-se em Ceres-Goiás, em 1943. Conforme Sassi, 1985, P.52:

"Em 1949, aos 24 anos ela ficou viúva com quatro filhas menores, Gilberto com cinco anos, Carme Lúcia quatro, Raul com dois e Vera Lúcia com apenas onze meses. Viajou e morou em diversos lugares, tais como: São Paulo e Londrina. A vida da família era dentro da cabine de um Ford 1946 de cinco toneladas, ou então nalguma pensão de currutela"

Em 1956, Tia Neiva fixou-se em Goiânia, onde se empregou como chofer de lotação. Com o início da construção de Brasília, Tia Neiva mudou-se para a nova capital reiniciando suas atividades de motorista de caminhão tendo o veículo de sua propriedade fichado na Novacap.

A partir de 1958, começaram a suceder com ela estranhos fenômenos na área do paranormal da percepção extra-sensorial, para as quais a medicina não forneceu explicação. Explica Sassi (1987, p.63):

"A única explicação encontrada foi na área do espiritismo, uma vez que as manifestações se pareciam com a fenomenologia habitual desta doutrina, incompreendida pelos homens, ela teve que se voltar para o que lhe diziam os espíritos. A partir daí, ela deixou de obedecer aos 'entendidos' do plano físico e tornou-se dócil às instruções dos seres, invisíveis aos olhos comuns, mas para ela não só visíveis como audíveis"

A jornada espiritual de Tia Neiva no plano físico como observam seus seguidores durou até o dia trinta do mês do novembro de 1985 quando ela morreu. O resultado dessa missão ou obra espiritual é uma religião com, segundo estimativa dos líderes, aproximadamente 200 mil adeptos em todo o país distribuídos, com 257 templos externos.



Tia Neiva

1.3.1 – 1959 A 1985: LIDERANÇA CARISMÁTICA

A carreira religiosa de Tia Neiva teve início em 1958 quando, ainda trabalhando como motorista de caminhão em Brasília, começou a ter visões que foram interpretadas pelos seus colegas de profissão como sendo mediunidade. Segundo os adeptos do Vale do Amanhecer, mediunidade é uma característica - qualidade, capacidade - inerente ao ser humano. Por meio da mediunidade a pessoa pode, entre outras coisas, estabelecer contato com os espíritos.

A própria Tia Neiva afirmava que naquela época tinha horror a estas coisas de espírito, pois ela era de origem católica, inclusive na sua família duas tias eram freiras e um primo era padre. Um ano depois de suas primeiras visões Tia Neiva começou a admitir seus dons mediúnicos.

Galinkin (1977, p.2) retrata este momento:

"Este momento foi relatado pela própria Tia Neiva como sendo um dos difíceis de sua vida ...'em 1959, tive que aceitar e morar na Serra do Ouro, onde ingressei na União Espiritualista Seta Branca. Foi o mais terrível martírio pela brusca transformação de toda a minha vida. Meus filhos Gilberto, Raul Oscar, Carmem Lúcia e Vera Lúcia, estavam na crítica idade de estudos e desenvolvimento. Renunciei a tudo, porque somente uma lei passou a existir, o Doutrinador"

A partir desse momento começa a sua liderança carismática assentada nos seus poderes mediúnicos, em outras palavras, seu carisma foi a base da sua dominação carismática pois segundo Weber (1991, p.159) o carisma é:

“uma qualidade pessoal considerada extracotidiana e uma virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos extracotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar e, portanto, como líder”

A partir do momento em que Tia Neiva aceita seus dons mediúnicos e começa a dar prova deles, muitas pessoas passaram a segui-la, tornando-se adeptos de Tia Neiva. Segundo Weber (1991), podem ser considerados 'carismaticamente dominados'. Por isso, a história do movimento Vale do Amanhecer está indissociavelmente ligada à carreira religiosa de sua fundadora. Tia Neiva iniciou seu desenvolvimento mediúnico com Dona Neném, que a orientou nos primeiros passos no contato com os espíritos. Em 1959, e ambas, fundaram a União Espiritualista Seta Branca (UESB), no Núcleo Bandeirante, cidade satélite de Brasília.

Tendo a sua finalidade primeira a prática do mediunismo ou espiritismo, na lei do auxílio e da caridade, para este fim constituindo-se em uma sociedade civil registrada em cartório no Núcleo Bandeirante em 04 de julho de 1959.

Na UESB, no plano físico, o que existia era apenas um grupo de adeptos/seguidores atendendo a pessoas doentes e angustiadas, tendo sempre à frente a figura de Tia Neiva. Havia também um templo, considerado um lugar onde os adeptos do Vale do Amanhecer se reúnem para realizarem os rituais de atendimento aos clientes e visitantes. É um espaço sagrado que abriga o maior número de símbolos sagrados utilizados nos rituais. A respeito das pessoas que compunham a UESB, Sassi (1987, p.45) assim as descreveu:

“as pessoas que viviam em torno de Neiva eram simples, sem escolaridade e avessas à racionalização. Estavam tão acostumadas com os fenômenos, que nada as espantava. As presenças do mundo espiritual e do etérico invisível eram corriqueiras. Vez ou outra um fato mais contundente chamava a atenção e era comentado durante muitos dias, colorido com lances imaginosos. O que mais me impressionava era a inconsciência humana que cercava Neiva”

Os adeptos/seguidores de Tia Neiva, que compunham a UESB, realizavam trabalhos espirituais gratuitos, de atendimento ao público, cujo objetivo era aliviar os sofrimentos das pessoas.

Neste mesmo ano Tia Neiva recebeu ordens espirituais para se instalar numa zona rural chamada Serra do Ouro, que fica no km 73 da Rodovia Brasília-Anápolis. Ali os adeptos construíram e moraram em casas rústicas, dando continuidade aos trabalhos espirituais dentro dos mesmos moldes realizados anteriormente no Núcleo Bandeirante. Neste novo local, Tia Neiva e seus adeptos viviam da renda obtida por meio de uma

pequena serraria e uma fábrica de farinha cuja renda era toda revertida para o grupo. Entretanto, a renda obtida dessas atividades não era suficiente para a manutenção do grupo ainda mais que neste período 40 crianças abandonadas viviam sob a tutela de Tia Neiva.

Naquele tempo nem Tia Neiva, nem os seus seguidores tinham conhecimento muito nítido das diferenças entre os planos e dimensões espirituais. Para eles existiam apenas o plano físico, o espaço e o plano espiritual. Os quais Sassi (1987, p.54) explica:

“Tudo que não fosse perceptível pelos sentidos era espiritual. Também não se especulava a natureza dos planos espirituais. Não havia, na UESB, tempo ou lazer, face ao trabalho exaustivo e contínuo de atendimento aos angustiados e doentes. Havia ainda a preocupação na manutenção das cento e vinte pessoas que ali moravam”

Nessa fase da construção do Vale do Amanhecer – também considerado de extrema importância pelos adeptos – tiveram início os ensinamentos, que de certa forma traziam o ordenamento do mundo, ensinamentos que visavam dar ordem ao caos.

Iniciava-se o contato com Capela - mundo espiritual que localiza-se na mais alta dimensão e que é considerado o lugar ideal, o céu. É um mundo perfeito, de onde vieram os ensinamentos básicos do Vale do Amanhecer. Foram os capelinos que trouxeram a visão de mundo da religião do Vale do Amanhecer.

Além do que já foi acima, as principais funções sagradas de Tia Neiva eram as de representar e incorporar Pai Seta Branca, entidade máxima dessa religião e outros espíritos, transmitindo, por meio do transe, as mensagens e ordens espirituais que solidificaram o sistema religioso Vale do Amanhecer. Ela também era responsável pelas

grandes cerimônias sagradas e tudo o mais que dissesse respeito ao comando dessa comunidade religiosa, ou seja, ela tinha todo o controle sobre as coisas e pessoas.

A validade do carisma de Tia Neiva estava assentada em cima das constantes provas que ela dava dos seus poderes, pois como sugere Weber (1991, p.159):

“Se por muito tempo não há provas do carisma, se o agraciado carismático parece abandonado por seu deus ou força mágica ou heróica, se lhe falha o sucesso de modo permanente e, sobretudo, se sua liderança não traz nenhum bem-estar aos dominados, então há a possibilidade de desvanecer sua autoridade carismática. Este é o sentido carismático geninho da dominação “pela graça de Deus”

Neste sentido, pode-se ver que durante a carreira religiosa de Tia Neiva, ininterruptamente ela deu provas dos seus poderes, criando ao longo da sua gestão religiosa inúmeros espaços, símbolos e rituais sagrados que progressivamente iam se tornando mais complexos, mais encantados, por isso, muito em função dessas provas, seu carisma não era questionado pelos seus adeptos.

Muitas destas provas foram necessárias à validade do carisma de Tia Neiva, e foram dadas durante a construção da visão do mundo do sistema religioso Vale do Amanhecer.

No dia 15 de novembro de 1985, Neiva Chaves Zelaya, Tia Neiva a líder sagrada dessa religião morre. Com a morte de Tia Neiva, o comando da religião fica a cargo dos doutrinadores, mais especificamente dos chamados Trinos, Tumuchi, Sumanã e Ajarã, 3 doutrinadores que ocupam o mais alto posto na hierarquia sagrada do Vale do Amanhecer.

Capítulo II

As Hierofanias do Vale do Amanhecer

Este segundo capítulo apresenta uma detalhada descrição dos principais espaços sagrados do Vale do Amanhecer, com seus respectivos objetos e símbolos utilizados nos rituais e ao mesmo tempo analisa especificamente o sincretismo de composição presente nos mesmos.

2.1 - OS ESPAÇOS SAGRADOS

Espaço sagrado é definido como um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência. Como produção cultural, o espaço sagrado é o resultado de uma manifestação do sagrado, revelada por uma hierofania espacialmente definida. O espaço profano constitui-se naquele espaço ao redor do espaço sagrado. Em relação ao espaço profano está vinculado o sagrado, numa realidade diferenciada da realidade sagrada. Por meio da segregação que o sagrado impõem à organização espacial, e ao identificar o espaço profano diretamente e indiretamente vinculado ao sagrado, o comércio e o lazer, nas hierópolis, estão nos espaços profanos.

As Hierópolis, ou cidades-santuários, referem-se às cidades que possuem uma ordem espiritual predominante e marcadas pela prática religiosa da peregrinação ou romaria ao lugar sagrado.

Pelo simbolismo religioso que esses locais possuem e pelo caráter sagrado atribuído ao espaço, podemos chamar esses locais de hierópolis ou cidades-santuários. Assim, cidades-santuários são centros de convergência de peregrinos que, com suas

práticas e crenças, materializam uma peculiar organização funcional e social do espaço. Este arranjo singular e repetitivo pode ser de natureza permanente ou apresentar uma periodicidade marcada por tempos de festividades, próprios de cada centro de peregrinação. Nesses períodos, as funções urbanas presentes permitem considerá-los como um tipo particular de cidade. E acrescenta-se que as formas espaciais construídas são variáveis segundo as diferentes religiões. Nas cidades-santuários ou hierópolis, as funções urbanas são, em muitos casos, fortemente especializadas, associadas à ordem sagrada: suas funções básicas são de natureza religiosa. Entende-se por santuário aqueles lugares considerados sagrados por uma dada população regional, nacional ou de vários países. Estes lugares sagrados, por sua vez, estão focalizados, via de regra, em templos associados a uma hierofania. Hierofania é um termo proposto por Mircea Eliade (1992) para designar a manifestação do sagrado em objetos ou pessoas. A materialização do sagrado pode ocorrer em grutas, colinas, rios, pedras, árvores e que, simbolicamente, origina o lugar sagrado, consagrando o espaço, tornando-o qualitativamente forte, demarcado e diferenciado.

Segundo Eliade (1957, p.32), o homem religioso tem a necessidade de mover-se num mundo santificado, num espaço sagrado,

"é por essa razão que se elaboram técnicas de orientação, que são, propriamente falando, técnicas de construção do espaço sagrado...Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses"

Essa construção do espaço sagrado é a reprodução da obra dos deuses à qual Eliade se refere, e segue a visão de mundo do sistema religioso. Ela, a visão de mundo é

a força motriz do modo de produção, que trouxe um arranjo espacial sagrado para o atual Vale do Amanhecer.

Após um período experimental, na década de 1960, Tia Neiva e os adeptos do Vale começaram a construção do templo definitivo, hoje conhecido como templo-mãe. À medida que o número de seguidores aumentava, Tia Neiva recebia mais instruções dos espíritos para criação de novos símbolos sagrados. Ela orientava seus seguidores na criação dos espaços sagrados, e, como isso, um novo mundo ia surgindo, uma realidade sagrada estava materializando-se. Em outras palavras, as formas espaciais do Vale iam surgindo.

Segundo Eliade (1957, p.17), a manifestação das realidades sagradas é própria de cada grupo religioso.

“Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas, é constituída por um número considerável de hierofanias, pelas manifestações das realidades sagradas”

A manifestação do sagrado no Vale do Amanhecer modificou o espaço, produzindo uma mudança morfológica na paisagem ali existente, de maneira tal que se pode identificar a mudança qualitativa imposta ao espaço que abrigou essa manifestação.

2.2 - DESCRIÇÃO DOS SÍMBOLOS DO CONJUNTO DE ESPAÇOS SAGRADOS.

Os espaços sagrados no Vale do Amanhecer permitem aos adeptos viver em um mundo orientado, controlado por meio dos rituais, em um mundo-cosmo, pois o

sagrado revela a realidade absoluta, 'funda o mundo'. Nas palavras de Eliade (1957, p. 27):

"a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um ponto fixo possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, a fundação do mundo: o viver real. Todo espaço implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente"

No sentido de que elabora os limites desse mundo-cosmo e, como consequência, há o estabelecimento de uma ordem cósmica que traz modificações no espaço onde o sagrado se manifesta.

Observa-se que cada espaço sagrado no Vale do Amanhecer reflete o modo de apreensão e vivência da visão de mundo deste grupo religioso. Os conteúdos sagrados são ritualizados de forma sincrética na arte do fazer sagrado.

Identificou-se nessa hierópolis inúmeros rituais ou ritos de passagem que visam garantir o cosmos num mundo caótico além, é claro, de garantirem a identidade dessa comunidade religiosa.

Acredita-se ser o espaço sagrado bem mais do que instância do sagrado, ele é parte integrante da sua essência, no sentido de que o espaço é ritualizado, consagrado, hierofanizado. Em outras palavras, a partir do momento que o espaço passa a abrigar o sagrado, ele se reveste de uma aura especial, tornando-se um lugar sublimado.

O ritual ou o conjunto de rituais no Vale do Amanhecer pode ser visto como o meio que possibilita a arte do fazer sagrado. Ele é uma forma de sociabilizar e preservar o sagrado. Isto quer dizer que o ritual normatiza o comportamento dos adeptos no espaço sagrado. Neste sentido, ele regula e controla o agir das pessoas dentro destes

espaços. A força do sagrado no Vale do Amanhecer e, conseqüentemente, do espaço que o abriga, está na possibilidade que ele oferece ao adepto de controlar o caos, de controle do Carma, ou seja o peso do destino que uma pessoa carrega e que tem de resgatar, segundo crenças orientais, das frustrações decorrentes do convívio social.

Esse controle é feito por meio dos rituais sagrados que, além de transcorrerem num espaço sagrado, ocorrem também em um tempo sagrado. O comportamento do adepto durante os rituais sinaliza as diferenças existentes na percepção e vivência do que é sagrado em relação ao que é profano no Vale do Amanhecer.

Em vários pontos na hierópolis do Vale do Amanhecer é encontrado um pluralismo de símbolos religiosos impressos no espaço – o que se materializa são as formas compósitas desse pluralismo simbólico.

O espaço nesta hierópolis tem um arranjo que possibilita o contato com o sagrado. Devido ao grande número de símbolos e espaços sagrados utilizados por essa comunidade religiosa, procurou-se identificar e analisar a ocorrência do sincretismo, o significado e o uso apenas daqueles símbolos e espaços sagrados mais salientes e mais importantes que serviram ao objetivo desse trabalho.

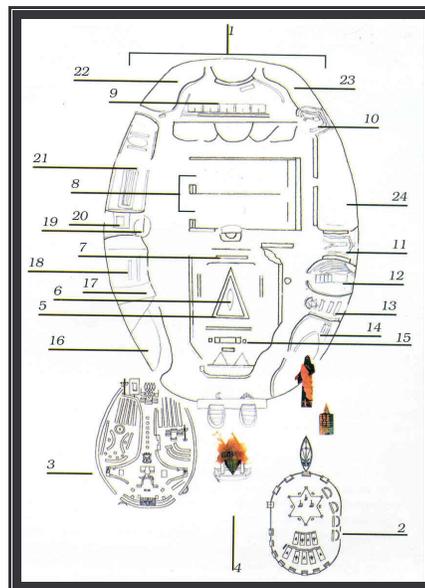
O grau de importância dos símbolos a serem estudados foi definido a partir do número de vezes que cada um ocorre nos diversos espaços sagrados.

O Vale do Amanhecer apresenta 2 conjuntos de espaços sagrados que interagem com o profano e são eles:

(1) - Espaço sagrado que abriga o templo;

(2) - Estrela de Nerhu;

(3) - Turigano.

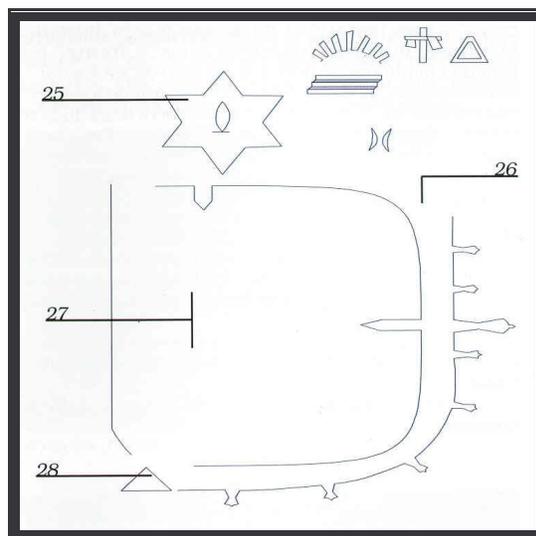


O segundo conjunto é composto por:

(25) - Estrela Candente;

(27) – Quadrantes;

(28) Pirâmide.



Os espaços sagrados que compõem esses conjuntos podem ser vistos como o esqueleto que é preenchido pelos símbolos sagrados (carne). Os rituais (sangue) realizados nos espaços sagrados visam dar vida ao Modelo Para realidade proposto por essa comunidade, uma vez que esse modelo e tudo o que ele apresenta é fruto da visão de mundo utilizada no Vale do Amanhecer.

A análise dos ritos recebeu considerável avanço com trabalhos de Victor Turner, para quem seu estudo deve começar com os símbolos, que considera como moléculas do ritual. Pois, segundo Turner, num ritual (1974, p.29):

“um único símbolo representa muitas coisas ao mesmo tempo, é multívoco e não unívoco”. Complementa ainda afirmando que, “o ritual é um agregado ou um sistema de símbolos que “armazena o saber tradicional”. Turner salienta o “caráter rígido e repetitivo do ritual [...] destinado a penetrar o espírito do participante”

Estudando rituais e processos sociais, Turner considera que um ritual é uma representação dramática que leva o grupo a superar divisões e a reafirmar sua unidade, pois incita o indivíduo a cooperar com seus semelhantes em várias formas de relações sociais.

Segundo Turner, nas ciências sociais, em geral, está-se difundindo o reconhecimento de que as crenças e práticas religiosas são algo mais que grotescas reflexões ou expressões de relacionamentos econômicos, políticos e sociais. Antes, estão chegando a ser considerados como decisivos indícios para a compreensão do pensamento e do sentimento das pessoas sobre aquelas relações, e sobre os ambientes naturais e sociais em que operam.

Na análise dos principais espaços sagrados fixou-se um pouco mais sobre o Templo e a Estrela Candente uma vez que estes dois espaços sagrados são considerados os mais importantes pelos adeptos e por ocuparem maior área da hierópolis do Vale do Amanhecer.

2.2.1 - O SINCRETISMO NO RITUAL DO TEMPLO

O roteiro inicia-se pelo espaço sagrado do templo que é o mais visitado pelos clientes/visitantes, isto é, pessoas que procuram o Vale do Amanhecer em busca do serviço espiritual. E o que mais concentra e utiliza os símbolos sagrados encontrados nessa comunidade religiosa.

No início do pátio do Templo do Amanhecer há uma elipse de 7m de altura nas cores violeta e amarelo. O violeta simboliza a energia curadora e o amarelo, a sabedoria iniciática. Dentro da elipse encontram-se os demais símbolos fundamentais da Ordem, oriundos de diversas culturas religiosas dotados de novas significações explicáveis a partir do que foi analisado.

Com a seta branca do grande orixá Pai Seta Branca, verifica-se, aqui, o sincretismo na composição de alguns elementos advindos de diferentes contextos culturais-religiosos, como da religiosidade afro-brasileira no uso da denominação orixá, da crença indígena contexto de origem da entidade, pois segundo a Ordem, Pai Seta Branca já foi um Equituman, Tumuchí e Jaguar (civilizações antigas que remontam mais de 32.000 anos), e essa entidade é considerada também como um Espírito de luz, termo importado do Espiritismo kardecista e ainda São Francisco de Assis, santo católico do século XII.

A cabeça estilizada de um jaguar, é símbolo dos médiuns da ordem, que se entendem como os jaguares de Pai Seta Branca.

Na entrada do Templo, parte superior/exterior encontram-se um Sol e uma Lua que simbolizam as duas principais forças manipuladas nos rituais sagrados, onde o Doutrinador é o receptor e portador da força, energia do Sol e o Apará, o receptor e portador da força energia da Lua. Segundo Sassi (1985, p.40):

“...a Lua não é somente um simples satélite de nosso planeta. Ela é o pólo negativo das forças magnéticas que agem na Terra, enquanto o Sol é o positivo. São verdadeiras usinas de força, que mantêm a vida na Terra, ao mesmo tempo em que regulam o equilíbrio magnético que representa todo o campo de forças dos planeta”

Já o sol estilizado com sete raios, simboliza a energia cósmica, e os sete raios simbolizam os espíritos de luz encarnados em cada ser humano.

O sol era para Equitumans, civilização de homens e mulheres com três a quatro metros de altura, vindos de um conjunto planetário, um sistema conhecido da Corrente. Esses seres habitavam a região que hoje se chama Andina, nas costa oriental da atual América Latina. Durante os 2.000 anos que durou, a civilização dos Equitumans dominou toda a terra de então e dela se encontram ainda traços físicos nas calendas dos povos.

Além do Sol e da Lua, mais uma vez encontra-se uma seta branca. Os degraus que levam ao Sol e à Lua representam a busca da evolução, o crescimento espiritual. Em todo o espaço sagrado no Vale do Amanhecer verifica-se a presença de degraus e escadas.

O simbolismo da escada (degraus) é como se o adepto tivesse deixando as coisas do seu cotidiano para chegar a alguma coisa, a algum lugar que ultrapasse o seu cotidiano.

Há também m triângulo que simboliza a alma, entrelaçado num pequeno cone, que simboliza o corpo físico.

A estrela de Davi, assim denominada pela Ordem, é formada por dois triângulos equiláteros entrecruzados, sendo que um com o vértice para baixo,

representando as forças da Terra, a involução, o Mal, o Jeovah Preto, o negativo, e o outro, com o vértice para cima, representando a evolução, as forças dos planos espirituais, o Bem, O Jeovah Branco, o positivo: conhecida como Estrela de Nerhu, a estrela de seis pontas é também conhecida como Estrela de Davi na religião judaica. O triângulo com a ponta para baixo simboliza a involução espiritual e o de ponta para cima a evolução espiritual através do sofrimento cármico. Por isso essa estrela é qualificada como símbolo máximo do atual ciclo cármico de Jesus Cristo, também chamado de ciclo de peixes.

A elipse serviria para a comunicação e a recepção de energias cósmicas e dos espíritos de luz. Após a elipse há, no lado direito, em frente ao templo, um pombal e uma majestosa figura do grande orixá Jesus Cristo de 8m de altura. O semblante e a vestimenta de Jesus querem expressar que o verdadeiro Cristo Jesus é todo suavidade em contraposição ao Jesus Cristo Bíblico morto na cruz. A representação do Jesus suave assemelha-se aos desenhos de origem americana, que encontram-se em quadros de parede tão difundidos no Brasil. Em frente a esta imagem há uma lápide com o texto da iniciação e missão de Mário Sassi de codificar em nome do Nosso Senhor Jesus Cristo a doutrina recebida pelo Espírito da verdade através de Tia Neiva e dar testemunho do Espírito da verdade.

À entrada do templo do Amanhecer há uma forma elíptica para simbolizar a recepção e o envio das energias captadas no templo e irradiadas para fora dele. Foi construída ao redor do antigo templo de madeira, pois estaria localizado num local de grande concentração de força espiritual. É a concepção que encontra-se na mitologia da Ordem em termos dos sete núcleos espirituais da civilização andina dos Equitumans, que teriam manipulado as energias do sol e da lua. Considerando que os Incas e os

Astecas e os médiuns da Ordem são definidos pela doutrina do Amanhecer como descendentes diretos da civilização andina, entende-se a observação de que o Templo do Amanhecer teria sido construído pelos mesmos princípios dos templos Maias, Incas e Astecas. Tia Neiva teria recebido a planta e as instruções para a construção, subdivisão e ornamentação do Templo do Amanhecer diretamente de Pai Seta Branca. Os médiuns construíram esse templo de 96m de comprimento e 2.400m², que foi inaugurado em 1975.

Sobre o portal do templo encontra-se novamente a seta branca, que deve ser considerada como o ponto riscado do templo, consagrado a Pai Seta Branca como orixá principal do templo, a exemplo de um terreiro de umbanda. Do lado direito da seta está simbolizado o sol e do lado esquerdo, a lua.

Ao entrar no Templo tem-se a impressão de uma construção no estilo caboclo do Nordeste. O ambiente é enfeitado com bandeirolas de papel, flores de plástico, gravuras, tudo muito colorido, predominando as cores bege, amarelo e vermelho. Os compartimentos são separados por panos e cortinas, em parte transparentes. No lado esquerdo há bancos de pedra, onde as pessoas que vêm em busca de auxílio podem tomar lugar em silêncio, até serem atendidas. Chama atenção ainda uma pintura que retrata a comunicação dos médiuns com os espíritos nas casas transitórias e com espíritos das trevas. Defronte a essa pintura o médium ergue os braços abertos ao alto e verbaliza o mantra 'Salve Deus'. Ele afirma receber, nesse instante, as energias do mundo espiritual.

No lado esquerdo da entrada do templo há diversos quadros de orixás, que retratam mentores e guias na sua roupagem de escravos e índios, bem como frases doutrinárias recebidas por Tia Neiva em suas audições e visões, destacando-se a frase

atribuída ao grande orixá Jesus Cristo: Eu sou o caminho da (sic) verdade e da (sic) vida.

Na entrada do Tempo, aparecendo em frente à estrela de seis pontas, há um sol pintado na parede que fica de frente, do interior para fora que dá na porta principal desse espaço sagrado e que serve de obstáculo visual impedindo a visão do interior do templo. Esta é uma característica marcante da hierarquia do sagrado, uma vez que a porta do Templo, no caso a parede, não deixa ver o que há em seu interior.

É necessário que a pessoa entre para ver e, se ela entra para ver o interior, lá dentro ainda existirão mais alguns obstáculos, tais como degrau, portão, véu, alguma coisa que o impede de pegar o sagrado na mesma hora que entra.

Isso ocorre porque o sagrado tem que ter esse ar de mistério, esse ar de superior e às vezes tem que ter também um ar de medo, como sugere Eliade (1957, p. 34). Nessa parede lemos a seguinte mensagem: “Eu sou caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao pai se não por mim”(Evangelho de João, capítulo 23, versículo 05). Essa citação à alude ao crença tanto do católico quanto do evangélico em relação a Jesus Cristo, e no Vale, anuncia o rito de passagem que será feito pela pessoa.

O ato de entrar no Templo é um verdadeiro rito de passagem, uma vez que o adepto deixa para trás o mundo profano – deixa de estar num templo e um espaço comum cotidiano – e passa a andar num espaço revestido de alta sacralidade, espaço sagrado, além, é claro, de estar vivendo um Tempo sagrado. Como sugere Carrenho (1998, p.28):

“... o tempo, enquanto um espaço restrito, delimita o exterior caótico, confuso, desconhecido indeterminado, e busca o espaço

interior organizado, privilegiado para estabelecer a ligação entre os níveis Terra e Céu, que transcende o profano que o rodeia"

Ao passar pelo primeiro obstáculo visual, entra-se em contato com o interior do templo. O que mais salta aos olhos, o que é mais saliente nessa primeira visão panorâmica do interior, são as cores.

As cores têm significado fundamental nessa religião, pois cada uma tem uma função específica e não há canto algum nos espaços sagrados dessa hierópolis que não tenha uma cor pintada ou projetada, pois, segundo Sassi (1985, p.42):

"em todas as partes do templo e áreas de trabalhos iniciáticos, existem faixas de cores que emitem energias necessárias àqueles trabalhos"

As cores são vistas como energias curadoras e cada uma delas favorece a cura de um determinado tipo de anormalidade ou doença. Além de esse espaço sagrado ser colorido em quase sua totalidade e receber a projeção das cores, observa-se que todas as roupas utilizadas nos rituais pelos adeptos possuem cores bem definidas que estão em concordância com os objetivos dos diversos rituais realizados no Templo. Especialmente no Templo encontram-se ambientes coloridos de maneira específica, uma vez que esse espaço sagrado é setorizado, ou seja, é separado em departamentos que têm funções de cura específicas. Além das cores, encontram-se lâmpadas coloridas que dão um toque especial ao setor de trabalho onde ela se encontra, como é o caso do lugar denominado Randy. Na maioria dos outros setores e corredores do templo existem véus e panos das mais variadas cores que têm a mesma função, além de servirem como obstáculo visual às pessoas que estão dentro do Templo.

A Cromoterapia tem sido uma prática usada pelos centros espíritas para cura de doenças. Abaixo, encontra-se o significado das principais cores utilizadas no Vale do Amanhecer, segundo a definição dada por Sassi (1985, p. 44):

- VERMELHO – Gera energia desobsessiva, energia que tem a capacidade de livrar as pessoas dos chamados encostos. A energia do Fogo, que queima cargas negativas. É estimulante do sistema nervoso, ajuda na realização de exames e competições e do aparelho circulatório, impróprio para hipertensos, e pessoas irritadiças.
- AMARELO – Energia do Sol, tem grande poder de elevar nosso padrão vibratório. É estimulante do sistema nervoso central, da energia digestiva e do tônus muscular. Age, também, como estimulante cerebral, melhorando o intelecto e aliviando depressões, melancolia e o cansaço mental. Ativa o chakra umbilical e fecha o chakra frontal.
- VERDE – É a energia das matas, de grande ação na recuperação do corpo físico. Tem afeitos regenerativos físicos e mental, fazendo com que as idéias sejam refeitas; tem ação refrescante e calmante, combatendo a insônia, acalmando os nervos e os ataques de raiva; reduz a tensão sangüínea, purifica o sangue e tem ação bactericida sobre os tecidos, ativa o chakra cardíaco e fecha o chakra básico.
- AZUL – Energia das Águas, nos traz equilíbrio, com a ação calmante e refrescante do sistema nervoso, induz à paz, favorece a

meditação e a intuição; ajuda o homem a liberar-se do egoísmo, favorecendo a harmonia universal; atua sobre a assimilação dos alimentos e a assimilação, pelas células, das substâncias nutritivas. Ativa o chakra laríngeo e fecha o chakra esplênico.

- VIOLETA – Atua nas células cerebrais, ativando a energia mental e com grande poder regenerador da consciência. Têm ação calmante sobre o coração e purifica o sangue e ajuda a cicatrização; acalma também as emoções violentas e diminui a irritabilidade. Ativa o chakra coronário e fecha o chakra umbilical.
- LILÁS - Esta cor representa a fé, a crença na sacralidade da espiritualidade. Ela simboliza também as forças curadoras.

A partir dessa esquematização arrolam-se os diversos conjuntos do templo. Ao longo dos dois lados do templo localizam-se salas muito simples e rústicas, que são denominadas castelos, expressando a presença do divino por meio da incorporação dos orixás divinos. Seguindo na entrada do templo pelo lado esquerdo, encontra-se o Castelo dos Devas, destinado para o encontro dos médiuns principiantes e para o ritual de emplacamento, quando é revelado ao iniciante o seu nome espiritual e o do seu orixá principal. Segue-se o Castelo de Meditação para os mestres dos Vedas, das Samaritanas, dos Magos e das Nitianas. No terceiro Castelo dos Aparás, é onde acontece a doutrinação dos médiuns incorporadores principiantes. No quarto castelo, localizado no ápice da elipse, acontece a iniciação do médium incorporador, e no quinto, a iniciação do médium doutrinador, cuja doutrinação acontece no Castelo dos doutrinadores. O sexto castelo é destinado somente aos mestres, e o último castelo representa simbolicamente o Oráculo do caminho em Delfos, onde os espíritos da falange de Pai

Seta Branca teriam prestado o juramento de seguir a Escola do Caminho do grande orixá Jesus Cristo.

Nas laterais do templo há o comando de radar entre o segundo e o terceiro castelo. Aqui dois mestres sempre controlam e fiscalizam os trabalhos realizados no templo. Na parede há uma grande foto de Tia Neiva. Entre o quinto e o sexto castelo estão localizados o Oráculo de Pai Seta Branca e a linha de passes.

A parte central do templo inicia já na entrada com o conjunto doutrinário, formado por uma mesa triangular, a Mesa Evangélica a Pira e a Fonte de Iemanjá. A Pira está localizada bem no centro do templo. É o altar principal, que também recebe o nome de Aledá, o santo do santo. Esse altar principal quase atinge o teto do templo e é coberto por panos transparentes. No centro está a figura da Presença Divina, que é o espírito encarnado na terra com seus sete raios de força, pintados em cor dourada. Nesta figura é representado o homem em seus três mundos: espírito, alma e corpo. Confirma-se aqui que o centro da doutrina do Amanhecer é o ser humano, entendido como presença divina na terra. Nessa figura ainda vêm-se duas taças que representam o sangue humano, que forneceria o ectoplasma para os rituais. Há ainda duas setas, uma que sobe e outra que desce, representando simbolicamente a macrocirculação das forças espirituais. As estrelas simbolizam as casas transitórias da Ordem no mundo intermediário.

Do lado esquerdo da figura da presença divina está o símbolo do sol e, do lado direito, o da lua. A terra é representada simbolicamente pela base do altar. A Ordem confirma que essa representação do altar principal não é privativo da Ordem, mas seria encontrada também em outros grupos iniciáticos espiritualistas.

Após a Pira segue-se o segundo conjunto, formado pela enorme estátua de Jesus Cristo o caminheiro, a cruz do cristianismo, os 42 tronos dos Pretos Velhos e Caboclos, o altar de Pai Seta Branca, sentado num trono e segurando com as duas mãos a seta branca em forma de oferenda, e a sala de cura . O termo trono quer expressar, a exemplo dos castelos, a presença do orixá divino incorporado no médium sentado neste banco rústico de cimento.

Roteiro litúrgico do Templo

O Templo está fechado. Somente médiuns podem entrar para participar do ritual de abertura. Concentram-se em frente ao Aledá e à Mesa Evangélica, formando a corrente de irmãos. Dessa concentração emanariam fluido e energias espirituais dos médiuns, facultando o intercâmbio de seus espíritos com os orixás do mundo espiritual. Às 10h o presidente dá início ao ritual de abertura, dirigindo-se ao Aledá, aspergindo o perfume do defumador. Os médiuns cantam suavemente o hino Mayanti, repetindo-o várias vezes, a fim de auxiliar na mediunização dos médiuns e sua sintonização com os espíritos de luz.

O presidente faz a saudação ao Aledá com os braços em forma de cruz, pronunciando o mantra Meu Senhor e meu Deus!, repetindo essa saudação na Mesa Evangélica. No Aledá pronuncia o mantra de abertura composto por 14 palavras, com as palmas das mãos viradas para o defumador: *“Senhor! Senhor! Faze a minha preparação para que neste instante possa eu estar contigo.”*(Desenvolvimento de doutrinadores.p.5) A partir deste ritual ele estaria exercendo concretamente a sua função de médium, isto é, de intermediário entre os dois mundos. Por isso todos os médiuns devem realizar individualmente este ritual com a recitação dos mantras.

Conseqüentemente, estariam mediunizados para receber os orixás. Segue-se o ritual da abertura da corrente mestra do Oriente Maior, com a seguinte invocação pelo presidente:

Oh! Grande Oriente de Oxalá, ordene intercâmbio.

Tapir, Tapir, Orixá (,fulano),

Simiromba Orixás Maiores;

Tapir, Tapir, Orixá (fulano), intercâmbio Oxalá mandou.

Oh! Tapir, Tapir, oh! Obatalá, Salve Oxalá, Salve Deus.

Tapir, Tapir dos grandes orixás,

Simiromba do Grande Oriente,

Oh! Povo de Obatalá, oh! Povo de Obatalá,

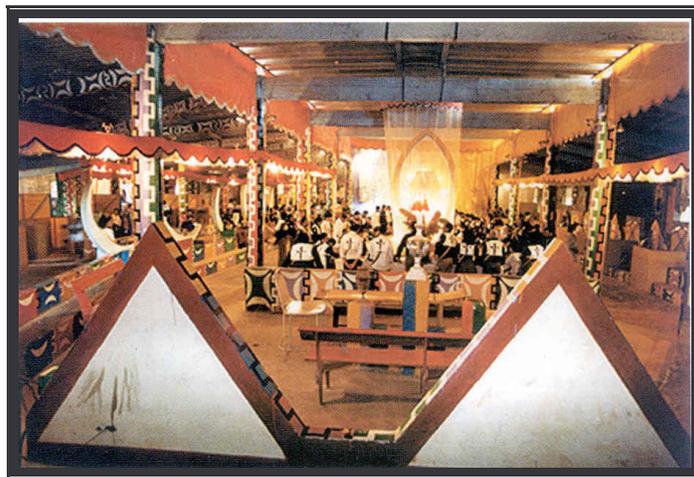
A Ti entrego a minha boca, os meus olhos e meus ouvidos.

Por Tapir e Simiromba, quero ser bem assistido,

Salve Deus!

O grande Orixá Jesus Cristo é invocado sob o nome de Oxalá. O Grande orixá Pai Seta Branca é invocado sob os nomes de Simiromba e Obatalá. Tapir é o chefe de irradiação dos espíritos de luz do povo de Obatalá.

Nos primeiros passos em direção ao interior do Templo encontra-se um triângulo branco de madeira que recebe o nome de Mesa Evangélica, localizado no chamado setor evangélico. No centro desse triângulo encontramos uma elipse, que serve como um portal de desintegração. Ela é a porta que dá acesso a outros mundos. Ali é realizado o ritual da Passagem dos mortos, quando eles são encaminhados para os planos espirituais.



Mesa Evangélica

Por meio desse ritual, que exige a presença de homens conjuntamente Doutrinadores e Aparás, Portadores das energias do Sol e da Lua, os mortos recebem os ensinamentos da doutrina da Ordem, em que o Doutrinador conversa com o espírito transmitindo-lhe, por meio da fala, esclarecimentos/ensinamentos e energias – ectoplasma para a sua passagem.

Os mortos são elevados no momento da entrega, o Doutrinador ergue os braços para o alto, para um outro mundo, e com isso eles sofrem uma mudança qualitativa nas suas existências.

Semelhante processo acontece nas reuniões espíritas, reinterpretadas da forma como foi descrita acima. Paralelamente ao setor evangélico, do lado esquerdo encontra-

se uma série de bancos compridos feitos de concreto e pintados com as cores amarelo, verde, vermelho e azul que servem para clientes/visitantes e médiuns se sentarem. Atrás desses bancos, que vão até o final do templo, encontram-se poltronas de concreto que recebem o nome de cassandras. O acesso a essas poltronas só é permitido a médiuns que possuem iniciações específicas que os capacitam ocupar esses lugares.

O cliente/visitante é aconselhado a nem mesmo encostar-se nessas poltronas, pois essas possuem uma alta concentração de energias espirituais. Observa-se a presença de correntes, que têm a função de um portão, a impedir a entrada de pessoal não autorizado.



Sala de cura

Num segundo plano, atrás das poltronas de concreto - ainda do lado esquerdo do Templo – encontram-se salas departamento, repartições que recebem o nome de castelos apesar de não terem nenhuma forma que lembre um castelo. Essas salas servem a determinados rituais, a saber:

A – (1ª - Sala) *Castelo da Autorização*, nessa sala, mulheres-adeptas recebem os clientes/visitantes, que foram escolhidos pelos espíritos para explicar-lhes como

funciona a religiosidade do Vale do Amanhecer e fazer-lhes o convite para tornarem-se seguidores dessa comunidade.

Nesse castelo encontram-se os seguintes símbolos: dois quadros pintados com guias espirituais, uma cruz e um portão que impede a entrada de pessoas não autorizadas ou convidadas.

As cores, verde, vermelho, amarelo e azul também são encontradas nas paredes dessa sala como ocorre em todo o interior do Templo.

A cruz é um símbolo religioso importado do catolicismo, que por sua vez sinaliza a forma de como Jesus Cristo foi sacrificado em remissão dos pecados da humanidade; no vale, a cruz simboliza o caminheiro e não o crucificado.

B – (2ª - sala) *Castelo dos Devas*. serve como a secretaria do Vale do Amanhecer. Esse local tem uma função administrativa, pois todo adepto tem uma ficha de inscrição onde constam todos os dados pessoais e doutrinários dos médiuns.

Tudo o que refere às iniciações dos médiuns fica sob responsabilidade dos chamados mestres Devas, que ali trabalham uniformizados uma vez que a realização das atividades da secretaria são consideradas trabalhos espirituais, ou seja, elas fazem parte de um ritual.

Além das atividades administrativas, esta 2ª sala é usada para reuniões e trabalhos de incorporação de espíritos. Nesse castelo encontram-se um cruz, vários fotos antigos de adeptos, mural de informes bem como as cores amarelo, azul, vermelho e verde presentes em todo o espaço dessa sala.

C – (3ª sala) *Castelo do silêncio*, serve para os adeptos, somente médiuns em desenvolvimento ou já desenvolvidos, com ou sem roupas-rituais, concentrarem-se,

buscando equilíbrio para suas vidas e para os rituais que irão realizar. É um castelo de concentração e introspecção, onde o médium busca a harmonia interior e o contato mental com os espíritos.

D – (4ª - sala) *Castelo da Iniciação Dharman Oxinto dos Aparás*, segundo o adjunto Tumarã, do Vale do Amanhecer, Dharma significa o *caminho*. O mesmo termo e significado são oriundos do Hinduísmo.

Depois de fazer o seu desenvolvimento, o médium que vai fazer sua Iniciação recebe seu primeiro mantra – Dharman Oxinto que tem o significado da ordem divina para colocá-lo a caminho de Deus. É o princípio de uma nova jornada visando ao aprimoramento de médium, ao impulso inicial para realizar a missão que, por nosso Pai, lhe foi confiada.

Assim concluímos que cada um é único responsável por seu Dharma. Paralelo ao lado direito do setor evangélico, e em direção ao interior do Templo, encontram-se mais sete salas ou Castelos. São eles:

E – (1ª sala) *Castelo da Cruz do Caminho*. essa sala fica próxima à porta de entrada/saída do Templo. Nesse Local é realizado o ritual da cruz do Caminho. Onde, mais uma vez, só é permitida a participação de médiuns que possuem especialização de elevação de espadas ou acima desse nível. Os clientes/visitantes podem participar desde que sejam recomendados a passarem nesse ritual pelos espíritos.

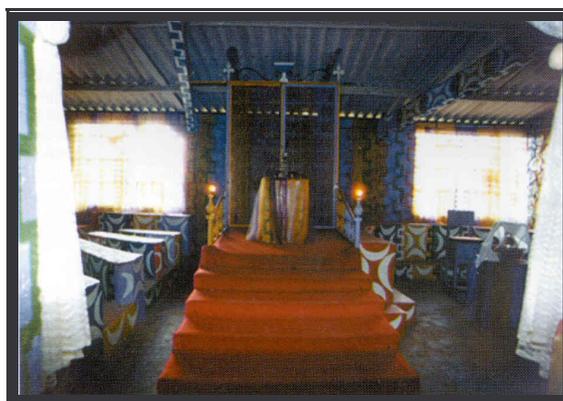
F – (2ª sala) *Reservados da Linha de Passe dos Índios ou Sudálio* - nesse reservado, que não possui portas, é realizado o ritual de incorporação dos caboclos que dão atendimento sem comunicação aos clientes/visitantes. Os símbolos encontrados

nessa sala estão ligados aos índios das florestas e suas respectivas crenças; entretanto, não pertencem a nenhuma tribo em especial.



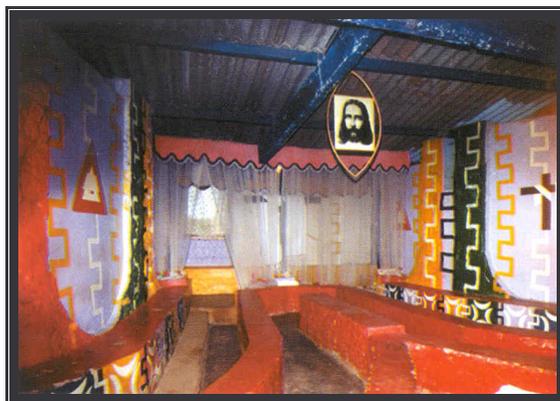
Linha de passe

G – (3ª sala) *Castelo Oráculo de Simiromba* - esse local é um dos lugares de maior sacralidade do Templo, uma vez que ali, o médium representa e incorpora o espírito Pai Seta Branca, que é considerado o braço direito de Jesus Cristo. Encontra-se presente neste castelo o reservado onde a hierofania manifesta-se, e por isso, justifica-se a presença dos degraus que levam à hierofania. Entretanto, esse local não é o centro do mundo ou o *ponto fixo* dessa comunidade religiosa. Mais à frente será identificado e analisado o ponto central (Pira) do Templo.



Oráculo do Pai Seta Branca
(Mentor espiritual da Doutrina do Amanhecer)

H – (4ª sala) *Castelo da Indução* - nessa sala é realizado um ritual que pretende aliviar e despregnar as pessoas do chamado mau-olhado, encostos. Como todo trabalho espiritual realizado no Vale, ali os clientes recebem o tratamento espiritual de que necessitam para seguirem as suas vidas.



Sala de Indução

I – (5ª sala) *Castelo do Doutrinador*. nessa sala são realizadas reuniões ordinárias ou aulas preparatórias para as diversas iniciações. Nessa sala não há atendimento de clientes.

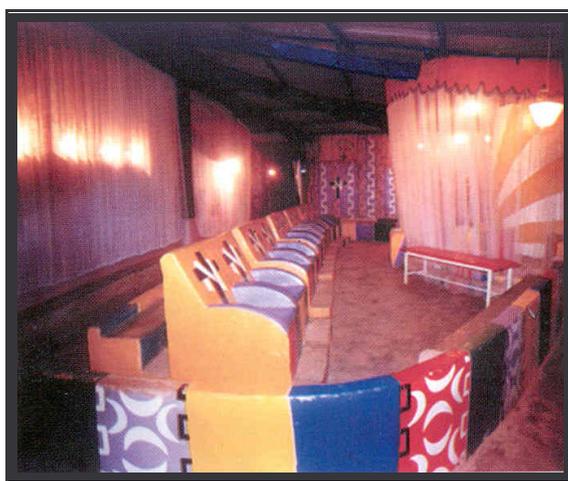
J – (6ª sala) *Castelo da Junção* - nessa sala é realizado um ritual que pretende curar os males físicos dos necessitados que procuram o Vale. Sua especialização consiste em atender casos mais complexos de problemas de saúde.



Sala de Junção

K – (7ª sala) *castelo da Iniciação* . essa sala tem a mesma função que a sala ou Castelo de Iniciação dos Aparás, porém é específica para adeptos que possuem a mediunidade de doutrinador.

L - No encontro das salas **D** e **K** encontra-se o Castelo da Cura. essa sala, como o próprio nome sugere, pretende atender os clientes com problemas de saúde. Entretanto, ela difere-se da sala ou Castelo de Junção por atender casos mais simples.



Sala de manipulação de energias

M – Nesse local encontra-se a estátua de Pai Seta Branca . Como já foi dito anteriormente, Pai Seta Branca é o principal líder espiritual do Vale do Amanhecer. Neste local os adeptos e os clientes e até mesmo alguns visitantes fazem as suas orações e seus pedidos. Há um local em frente à estátua onde as pessoas colocam as suas orações e seus pedidos, em seus próprios nomes ou de seus familiares, alguns escrevem o que estão precisando etc.. na esperança de serem abençoados por essa divindade ou guia espiritual.

A invocação nos rituais é feita ao grande orixá Pai Seta Branca e não à suprema entidade divina. Conforme a doutrina umbandista e kardecista, é impossível falar de Deus em termos antropomórficos ou invocá-lo, pois ele seria a Lei única. Por

consequente não é Deus que é invocado nos rituais da Ordem Espiritualista Cristã, mas Pai Seta Branca, o pai da tribo ou falange dos médiuns da ordem. Em vidas passadas, Pai Seta Branca já foi São Francisco de Assis, isso explica a cor marron das calças dos jaguares, como são conhecidos os médiuns da Ordem, e já foi, também, São João Evangelista.

N – Nesse local encontra-se o setor conhecido como tronos. nesse local os adeptos incorporam diversos espíritos que se identificam como pretos-velhos. É nesse setor que os clientes/visitantes têm a oportunidade de conversar com os espíritos por meio dos médiuns.

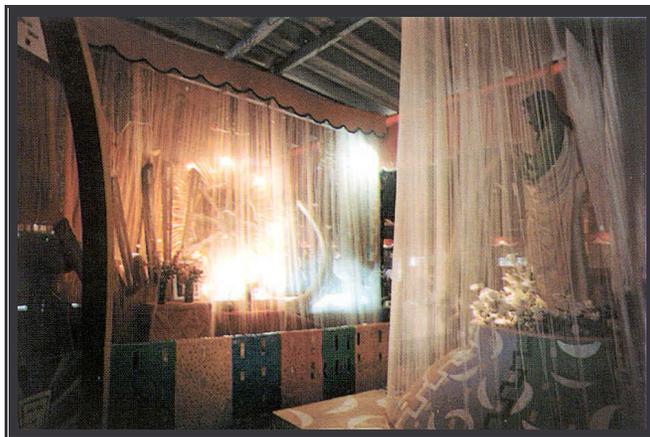
É possível que no momento da incorporação algo de sobrenatural esteja acontecendo, entretanto, não cabe ao estudo entrar nesse mérito. Nesse setor, os clientes/visitantes são orientados pelas entidades espirituais.

As orientações dependem de cada caso em particular, mas basicamente todas as mensagens giram em torno, segundo os adeptos da Ordem, dos ensinamentos crísticos amor, humildade e tolerância.

Os pretos e pretas-velhas são entidades afro-brasileiras, e seus aspectos de bondade, caridade, humildade os faz aproximar das figuras dos beatos e beatas católicas a caminho da canonização. Mais que uma mera representação, portanto de um tipo de entidade, essa estampa identifica aqui uma proposta, ainda que discreta, de uma nova composição, já não do tipo orixá-santo, mas do tipo Preto-Velho-Santo.

O – Nesse setor encontra-se uma estátua de Jesus Cristo e uma cruz. O Vale do Amanhecer não usa esse símbolo (cruz) com Jesus Cristo nela pregado. Acredita-se que

o tempo do Cristo crucificado já passou e que a humanidade está vivendo o tempo do Cristo redivivo, liberto da cruz.

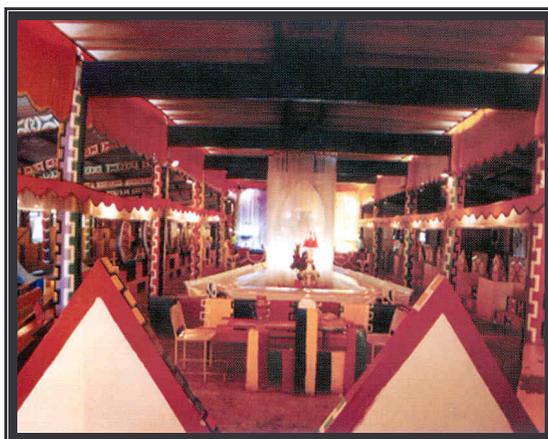


Trono do Mestre Jesus Cristo

Na interpretação dos mestres do Vale, o grande orixá Jesus teria terminado com todo o antropomorfismo e todos os mistérios, dizendo: 'Eu sou o caminho da (sic) verdade e da (sic) vida, ninguém vai ao Pai senão por mim'.

Essa tradução provém do professor de grego e latim da Universidade de Brasília, Carlos Tôrres Pastorino, que traduziu e interpretou os quatro evangelhos com base na doutrina kardecista. Conforme Pastorino, o 'eu', em João 14,6, significaria o Cristo interno, a partícula divina em cada ser humano: o Eu ou Cristo interno é, sem a menor dúvida, o caminho, o meio pelo qual se alcança o objetivo da evolução: a Verdade e a Vida. E Pastorino conclui: (1967, p.11) “Ninguém chega ao Pai, senão através do caminho (Cristo). Então não é, certamente: “Caminho E Verdade E Vida, mas sim: Caminho DA Verdade e DA Vida”. A partir desta tradução os médiuns iniciantes da Ordem são assim instruídos: neste caso, Deus seria a verdade absoluta; Jesus Cristo, o portador da verdade que leva a Deus. O Eu centraliza, no campo consciencial, o caminho a ser percorrido por cada ser humano, cada qual segundo o seu destino.

P – Esse setor é conhecido como Randy. Sua especialidade é complementar aos trabalhos da Cura e atendimento de casos de saúde mais simples e da Junção para o atendimento de casos mais complexos. Esse setor é visto como uma *UTI*, no sentido de que ali realiza-se um ritual que pretende tratar de forma mais intensiva os casos de saúde mais complicados, e há relatos de que pessoas ali se curaram de várias doenças, inclusive câncer.



Randy (UTI espiritual)

Q – Esse é o setor evangélico que abriga, além do triângulo branco, o que Rosendahl (1996) define como o centro do mundo, o 'ponto fixo'. Refere-se à Pira. Como sugere Carrenho, (1998, p.23):

“Podemos tentar compreender a busca do Templo como imago mundi, lugar sagrado e distinto do mundo, onde se consegue a comunicação entre Céu e Terra”

As energias espirituais, que sustentam os médiuns, e os rituais realizados no Templo convergem para a Pira que é um ponto de captação energética. Essas energias deslocam-se de um outro mundo. Segundo a visão de mundo dessa comunidade, a Pira está conectada a um tipo de torre que emite as energias para o mundo físico. Essa torre é conhecida como Torre de Tapir que por sua vez está conectada a outra torre e a outros

objetos de outras dimensões. Neste sentido pode-se afirmar que na Pira é estabelecida a comunicação entre o Céu e a Terra.

Na Pira o adepto bate o seu cartão de entrada e de saída do expediente espiritual, no sentido de que o médium, antes de fazer qualquer outra coisa dentro do Templo, tem que fazer a sua preparação na Pira, bater o ponto de entrada. Essa preparação é a autorização que o médium recebe dos mundos espirituais para desempenhar as suas funções sagradas nos rituais. Ao término do expediente espiritual o médium deve voltar à Pira para fazer o encerramento do seu dia de trabalho, bater o seu ponto de saída. A analogia feita não é de todo inadequada, uma vez que acredita-se, nessa comunidade religiosa, que o médium recebe bônus espirituais pelo seu trabalho.

Esses bônus são, segundo a visão de mundo do Vale do Amanhecer, energias espirituais que o médium recebe para serem utilizadas no ordenamento do caos, no alívio do Carma. Como se observou, na Pira o médium, durante os rituais, conecta-se com o Céu, ou seja, ele estabelece uma comunicação direta com o mundo sagrado.

Observa-se, aqui, o sincretismo com o catolicismo, no sentido da luz que indica a presença da Hóstia Consagrada no sacrário, que para o católico é o centro da adoração.

As energias espirituais se movimentam no interior do Templo. pode-se observar que as energias se movimentam no sentido horário; com isso, toda a movimentação dos adeptos no interior do Templo segue o sentido da movimentação das energias espirituais.

Observa-se, também, que até o trajeto do deslocar dos clientes/visitantes dentro do Templo é igualmente ritualizado e segue a trajetória das energias espirituais. A

seqüência dos rituais pelos quais os clientes/pacientes devem passar levou ao mapeamento do caminho da cura dentro do Templo.

R – Nesse local encontra-se o Radar. Esse lugar é ocupado pelos dirigentes dos rituais sagrados realizados no Templo. O Radar, como o próprio nome já sugere, está localizado numa posição privilegiada que permite o monitoramento de todo o interior do Templo. Nele ficam três doutrinadores que têm a função de gerenciar os trabalhos espirituais.

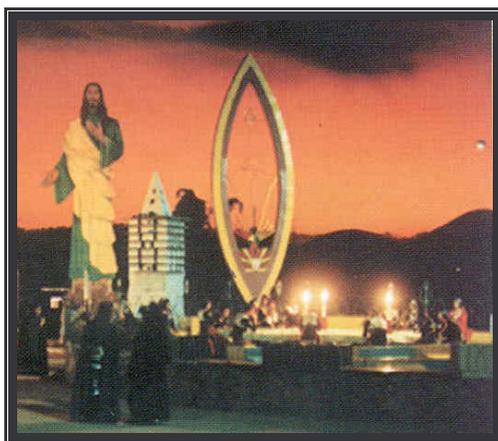
S – Nesse setor fica o radar dos recepcionistas. Os recepcionistas, como o próprio nome indica, são os médiuns responsáveis pela recepção e orientação dos clientes/visitantes. Ele fica bem próximo à porta principal do Templo, pois assim os recepcionistas podem receber os clientes/visitantes, orientando-os como devem se comportar dentro do Templo.

A partir da descrição do espaço sagrado do Templo, pode-se afirmar que o espaço sagrado, em questão, é demarcado e ordenado, preparado e articulado, para que se consiga uma vivência do sagrado e o estabelecimento do cosmos. Por isso, pode-se afirmar que esse espaço sagrado e os demais têm um arranjo espacial, uma lógica espacial que permite a articulação dos símbolos sagrados entre si, fazendo com que tudo gire em torno de viver ordenado.

Segundo a visão de mundo da religião Vale do Amanhecer, os rituais realizados nos espaços sagrados visam preparar a Terra para o III milênio, para uma nova era, quando acredita-se que os planos espirituais irão tornar-se visíveis aos olhos comuns. Esse futuro fenômeno, que é conhecido como a Conjunção de dois Planos, tem uma de suas motivações a partir do ritual da Estrela de Nerhu.

2.2.2 - O SINCRETISMO NO RITUAL DA ESTRELA DE NERHU

Este ritual é realizado a céu aberto e localiza-se quase em frente ao Templo. É o segundo espaço sagrado do conjunto sagrado em torno do Templo e, ali, o uso de símbolos sagrados é menor se comparado com o Templo, muito em função de menor área ocupada por esse espaço sagrado. Todos os símbolos utilizados na estrela de Nerhu fazem parte de um ambiente único, uma vez que não se encontram paredes, portas, portões ou véus em seu interior que sirvam como delimitadores de áreas específicas, delimitadores que lembrem salas ou castelos como ocorre no interior do Templo.



*Turigano(velas acessas) com
Elipse(figura geométrica)*

Ali encontra-se apenas um portão que dá acesso a esse espaço, que é cercado com paredes de concreto com aproximadamente 1 metro de altura. A forma espacial desse espaço sagrado lembra uma elipse como também a forma espacial do Templo.

O que é mais saliente nesse espaço sagrado são as cores, principalmente aquelas encontradas nos receptores/projetores de energias e uma mesa branca de seis pontas.

Outro símbolo que se destaca, e chama a atenção pela forma, por se parecer com um túmulo de concreto e pelas cores azul e amarelo, é o esquife.

Os esquifes são receptores e condensadores de energia, como poderoso centro de força marcado pela cruz, onde o plexo de médium encosta, fazendo com que receba e direcione aquela energia de acordo com o trabalho que esteja sendo realizado.

Parte do ritual da Estrela de Nerhu está ligado ao espaço sagrado do Turigano, uma vez que esse ritual exige que alguns adeptos, devidamente uniformizados, partam em cortejo do Turigano até o espaço sagrado Estrela de Nerhu .

A ligação entre esses dois espaços é feita por meio de uma corrente humana composta só por adeptos uniformizados que liga os portões desses espaços.

O ritual realizado no espaço sagrado do Turigano é considerado, juntamente com a estrela Cadente e a Estrela de Nerhu, um dos principais alicerces energéticos do Vale do Amanhecer: Por isso, o espaço sagrado do Turigano é um espaço de altíssima sacralidade e quando esse é ritualizado, o ritual só acontece uma vez por semana, e passa a produzir energias segundo a visão de mundo dessa comunidade, pois é como se ali funcionasse uma usina, onde os trabalhadores transformam a matéria-prima - energias brutas, em produto pronto para consumo-energias curadouras.

Nesse lugar sagrado não há atendimento de clientes e o seu espaço interno apresenta a mesma lógica espacial, o mesmo arranjo dos demais espaços sagrados dessa hierópolis. Cada repartição do Turigano tem uma função ou especialidade. É interessante observar que existe um portão 4 que faz a ligação do Turigano com o Templo. Esta conexão representa a inseparabilidade dos objetivos sagrados do Vale, ou seja, tudo está ligado, existe e age em uníssono para o ordenamento do mundo. Conforme a listagem abaixo:

A - São bancos de concreto ocupados por médiuns durante o ritual do Turigano de menor hierarquia. Os médiuns que ocupam esses setores basicamente ficam assistindo ao ritual que se desenvolve nesse espaço sagrado.

B - Nesse local há uma fonte d'água.

C - É um banheiro que não tem função no ritual do Turigano e em nenhum outro. Este banheiro é usado apenas por mulheres, ninfas luas que trabalham na benção do Pai Seta Branca.

D - Neste setor fica o comando, o radar desse espaço sagrado. Ali o doutrinador, comandante do trabalho, gerencia todo o ritual do Turigano.

E - Os setores identificados pela letra E são os locais definidos para a manifestação dos espíritos de alta hierarquia. Ali médiuns aparás incorporam espíritos que se fazem presente para energizar o espaço sagrado. Esses locais podem ser vistos como o locus preestabelecido para abrigar a hierofania.

F - Setor que abriga uma cruz de 1 metro e meio de altura. Esta cruz tem a mesma representação simbólica das demais encontradas no Vale do Amanhecer.

G - Setor que abriga a chama da vida. Podemos dizer que a chama da vida é o ponto central do espaço sagrado do Turigano. Como o próprio nome sugere esse símbolo representa o fogo, a luz da vida. Ela é feita de concreto em forma de um cálice e possui lâmpadas em forma de fogo.

H - O símbolo do cálice é importado do contexto da liturgia católica, a ressignificação é feita no sentido de que no lugar do vinho é usado a chama, como símbolo da vida.

I - Setor destinado a doutrinadores que ficam de honra e guarda nos rituais.

J - Entrada e saída do setor conhecido como via sagrada. Para acessar a via sagrada é preciso que a chama da vida esteja acesa.

K - Antes de entrar em qualquer outro setor desse espaço sagrado, é preciso que o adepto passe por esse portal, rito de passagem, que representa a passagem de um plano qualitativamente inferior para um plano qualitativamente superior. Ali o médium coloca em sua boca uma pitada de sal e passa um pouco de água perfumada e normalmente usa-se o perfume conhecido como Madeira do Oriente energizada em sua cabeça.

Procedendo dessa forma, o médium se prepara para pisar e movimentar-se nesse espaço sagrado e, conseqüentemente, ele torna-se apto à realização do ritual que ali acontece.

L - Local onde fica o sal e a água. Ali ficam de honra e guarda, ou seja, resguardando o uso do sal e da água.

O espaço sagrado do Pajezinho é exclusivo para o atendimento de crianças. nele acontece o ritual de Mãe Tildes, espírito que atua como guia espiritual. Esse ritual baseia-se na incorporação de entidades que têm a missão de cuidar das crianças.

Diferentemente dos outros espaços sagrados, o Pajezinho não é muito colorido e nem possui muitos símbolos sagrados conformados no espaço. Basicamente nesse espaço, encontram-se uma cruz e um ou outro banco pintado com as cores características do Vale. Esse espaço ocupa uma das menores áreas dessa hierópolis.

O espaço sagrado Casa Grande ficou assim conhecido porque na época em que Tia Neiva estava viva, a sua casa recebia a visita constante de centenas de pessoas. Como a casa de Tia Neiva também era o local de atendimento espiritual, principalmente

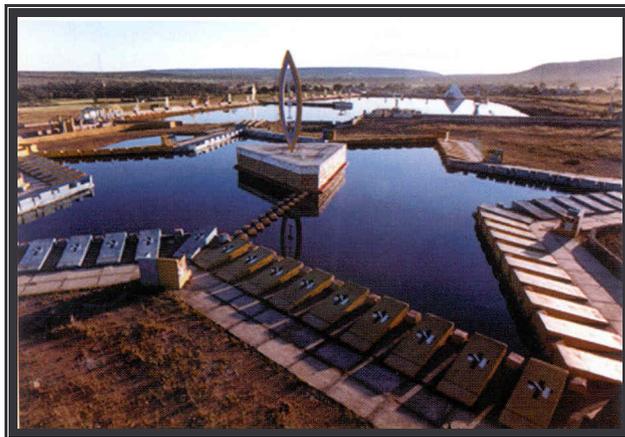
no início, esse local caracterizou-se como um lugar sagrado, além, é claro, do fato de Tia Neiva ali residir.

Hoje em dia a casa serve como uma espécie de museu, onde encontram-se objetos pessoais da grande mentora do Vale do Amanhecer, bem como centenas de fotografias que registram toda a vida de Tia Neiva, conseqüentemente, toda a vida do sistema religioso do Vale do Amanhecer.

Adeptos uniformizados ficam de honra e guarda na Casa Grande cuidando do acervo que ali existe. O ficar de honra e guarda nesse espaço sagrado é encarado como um ritual, conhecido como retiro na Casa Grande. O espaço sagrado da Casa Grande é o único lugar sagrado além do Castelo da Iniciação Dharman Oxinto no Templo, do qual não é permitido fotografar e nem filmar o interior.

2.2.3 – O SINCRETISMO NO RITUAL DA ESTRELA CANDENTE

É um hexagrama de concreto, uma estrela de seis pontas. Ela tem um triângulo amarelo que representa a força do Sol e um azul que representa a força da Lua. Essa estrela é composta por 108 esquifes, sendo 54 amarelos e 54 azuis. Os esquifes têm a função de servir como o meio que possibilita a passagem dos mortos, já que acredita-se não terem os médiuns condições físicas para receberem os mortos que ali passam, uma vez que os mortos destinados a passar nesse trabalho estão muito carregados de energias negativas e estas podem até mesmo matar um médium que as absorva.



Solar dos Médiuns

Como pode-se ver, na foto acima, o conjunto sagrado em questão também abriga os principais símbolos sagrados do Vale do Amanhecer: sol, lua, estrela, cruz etc. Alguns desses símbolos aparecem em tamanho exagerado, chegando a medir 6 metros de altura como no caso da estátua de Iemanjá.

Além disso, pode-se observar que símbolos como o sudário, o triângulo e as estrelas aparecem pintados ou esculpidos em concreto, dezenas ou até mesmo centenas de vezes, como é o caso da cruz.

O ritual da Estrela Candente foi realizado pela primeira vez quando da inauguração do solar dos médiuns, em 1º de maio de 1967 (Convite à imprensa de Brasília, abril de 1976, p.1).

Roteiro litúrgico da Estrela Candente

O presidente comanda o ritual com o uso de alto-falantes. A presença mínima é de 14 casais para a celebração do ritual, cada par formado por um mestre-lua (mulher) e um mestre-sol (homem). Sentados na área de concentração em frente à cabine, onde Pai Seta Branca estaria incorporado, realizam a concentração espiritual, idêntica à do ritual de abertura no Templo do Amanhecer. Segue-se o ritual individual de

coroamento, que consiste na subida e descida dos degraus do comando central, incluindo o gesto de reverência a Pai Seta Branca incorporado na cabine. Os casais seguem numa procissão solene e compassada em direção à cachoeira das sete princesas. Ao passar aos pés da pequena cascata, param e fazem reverência aos orixás desta falange, seguindo para o topo da cachoeira. O primeiro casal da procissão pára sobre a ponte, para que o comandante recite a invocação, que inicia com o louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo, repetido três vezes, como se faz nas vigílias de adoração ao santíssimo sacramento nas igrejas católicas. Na introdução invocatória, o comandante faz a sua auto-apresentação conforme Sassi (1985, p. 38):

"venho em nome de Simiromba e de nossa mãe clarividente harmonizar esta corrente, para melhor sintonia dos planos luminosos do supremo reino central, que se prepara para nos projetar os mantras desobsessivos, em nome do Pai, do Filho e do Espírito"

Segue-se a recitação do Pai-Nosso, no qual subentende-se Pai Seta Branca. A partir desta interpretação aconteceram as modificações do texto original do Pai-Nosso:

"Pai Nosso que estás no céu, e em toda parte, santificado seja o teu santo nome, venha a nós a teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como nos círculos espirituais. O pão nosso de cada dia nos dai hoje, Senhor! E perdoa as nossas dívidas, se nós perdoamos os nossos devedores, e não nos deixeis cair em tentações, mas livra-nos de todo mal, porque só em ti brilha a luz eterna, a luz do reino e da glória dos séculos sem fim"

A procissão segue em direção à Estrela Candente ao longo dos altares, cada casal faz a sua preparação sobre a ponte entoando do mantra: Senhor, Senhor. Faze a minha preparação para eu estar contigo. Chegando à Estrela, os pares distribuem-se ao

redor dela, para efetuarem a passagem dos espíritos sofredores em nome de Jesus Cristo.

Segue-se a anodização dos mestre-lua por Pai Seta Branca, que protegeria o médium contra uma eventual interferência de espíritos das trevas.

Os mestres-sol deitam-se sobre as lajes que beiram os lados da estrada, chamadas de esquifes, provavelmente para indicar que nesse ritual vão retornar à cachoeira das sete princesas na época da escravidão. Por isso, a partir desse momento, os mestres-lua chamam-se escravas. Elas sentam-se nos tronos ao lado do esquife. Ao término dos cânticos pelo alto-falante, o comandante diz três vezes o 'louvado seja' e as escravas levantam-se e fazem duas puxadas de sofredores, o que se torna visível pelos seus movimentos corporais e audíveis pelo, seus sibilares altos e desordenados. Esse puxar não deve ultrapassar o tempo de 20 minutos. O comandante faz a doutrinação, a elevação e a entrega dos espíritos sofredores ao pronto-socorro espiritual.

Em seguida, numa terceira etapa, acontece a incorporação de espíritos de luz denominados Sereias Lunares. Voltados para a água, os mestres doutrinadores exercem a função de guarda-costas como na época da escravidão, para que as escravas (mestres incorporados) não sejam surpreendidas por caçadores furtivos. As escravas mentalizam as sereias lunares, que já estariam sob a superfície da água, aguardando a incorporação. Durante a incorporação elas manipulariam a água, irradiando forças curadoras. Após um determinado tempo as escravas voltam-se aos doutrinadores, e a entidade incorporada dá um passe magnético. O mestre, por sua vez, dá um passe à escrava. Encerra-se o ritual com o 'louvado seja', uma prece e as palavras 'em nome do Pai'.

Todo esse ritual é repetido três vezes durante a tarde. Às 20 h acontece a entrega das forças obtidas durante os rituais. Os mestres entram em procissão no

Templo do Amanhecer, entoando cânticos. Recitam o mantra de Simiromba em frente ao Aledá. A entrega das forças é simbolizada com a entrega das espadas sagradas nas mãos do comandante.

No ritual da Estrela Candente não há contato direto e individual dos médiuns com o paciente, como é o caso no templo. O ritual da Estrela visa à população em geral, por pretender destruir correntes negativamente carregadas e assimilar correntes puras, ou seja, na linguagem espírita: libertar espíritos sofredores das trevas e assimilar a influência de espíritos de luz. Essa assimilação de forças de espíritos de luz seria irradiada como um auxílio espiritual para todo o Brasil, principalmente aos hospitais, presídios e aos poderes públicos em Brasília.

A Ordem entende esse ritual, que teria sido realizado desde a época dos Equitumans, passando pelo núcleo espiritual da cachoeira das sete princesas, como a manipulação das energias espirituais e cósmicas. Verificou-se que os médiuns revivem e atualizam essa época através desse ritual.

Como visto, trata-se do culto tido como o mais sincrético de toda a experiência religiosa brasileira, de sua origem colonial até os dias de hoje.

Segundo José Jorge de Carvalho, (2000, P.97), apesar de seu caráter universalista, a base doutrinal do Vale é, sem dúvida, o sincretismo clássico brasileiro: espiritismo, catolicismo e tradição afro-brasileira. Esse quadro ilustra a excepcional imaginação criativa de Tia Neiva.

Numa única imagem pintada, conhecida como a da cachoeira iniciática, e de um modo análogo a uma improvisação musical, dialogam idéias associadas a pretos-velhos, caboclos, caboclas, ciganos, princesas do oriente etc. Como se trata de um

imaginário de fluidez bem maior que o da umbanda, por exemplo, o quadro traz o texto da visão de Tia Neiva ao mesmo tempo que procura expressar pictoricamente seu conteúdo. Vale a pena transcrever o seu texto, pela concentração de elementos que o compõem (Apud Sassi, 1985, p.46):

“Estas são as horas proféticas dos ciganos, dos espartanos e dos jaguares....das planícies macedônicas ao século XVII no Brasil colônia. Pai João e Pai Zé Pedro consagram Natacha a clarividente e preconizam sua criação do doutrinador no século XX, enquanto a sofrida Jurema observa atentamente, e decide não mais voltar à senzala. A loura Janaína toma a decisão de se juntar às crioulas na cachoeira iniciática. No etérico superior, os espíritos das crioulas, como princesas, observam o drama sem tempo e sem espaço”.

A excessiva ambigüidade e a polissemia das visões de Tia Neiva são em parte compensadas pelo fato de que há um controle bastante eficaz da produção das imagens religiosas do Vale, pelo menos até agora, alcançado de um modo bem simples: a maior parte da iconografia oficial é concebida e executada por uma única pessoa. Tanto o texto como as seqüências pictóricas do quadro transmitem uma noção da transformação: caboclas loiras, crioulas orientais, caboclas negras, caboclas ciganas, eslavas escravizadas, loiras na senzala, pretos velhos sacerdotes.

Não se conhece outra instância em que um processo de sincretismo possa ser caracterizado como uma verdadeira dissolução da tradição com fim de uma reelaboração. Tia Neiva retirou as entidades de seus contextos simbólicos respectivos, onde elas possuíam uma identidade própria, e colocou-as num novo contexto que tem a propriedade de dissolver os seus contornos contrastivos, deixando igualmente em suspenso as caracterizações históricas tradicionais de todas elas, tanto de santos católicos, espíritos de luz, orixás, pretos-velhos, caboclos, ou quaisquer outras

entidades. A imagem sincrética mais acabada, de todas da tradição afro-brasileira, é a imagem de Iemanjá, a única de que se pode dizer que é uma síntese perfeita, resultado de um longo processo de fusão, já tão sedimentado a ponto de produzir algo inteiramente novo. Nessa imagem pode-se contemplar Iemanjá, Nossa Senhora da Conceição, Iara e até mesmo uma fada.

Ela exhibe vários significantes que pertencem às convenções pictóricas da imagem de Nossa Senhora da Conceição. Por exemplo, o manto azul, e o crescente, embora tenha sido deslocado dos pés de Nossa Senhora para o canto superior esquerdo da imagem de Iemanjá, acima de sua cabeça, ela não é exatamente Nossa Senhora porque lhe faltam outros atributos significativos: não porta cruz nem rosário, nem a auréola, nem a coroa nem exhibe o globo sobre o qual a santa pisa, no seu rol de Senhora do Mundo.

Quanto à caracterização de Iemanjá, poder-se-ia dizer que lhe sobram alguns atributos. A tiara, o manto de estrelas-do-mar e os lábios pintados, concentrando a atenção no rosto, dão-lhe um ar de fada medieval.

O vestido longo azul e que termina se misturando com o mar fazem dela uma espécie de sereia. Finalmente, no que suas mãos doam – pérolas, rosas -, tudo se funde: mulher, sereia, beleza física e tez morena de uma encantada dos trópicos, virgindade, imaterialidade de fada, aura de santidade, majestade e jovialidade, compleição. Impossível esgotar aqui todas as associações possíveis, e já atualizadas dessa imagem de Iemanjá. Considera-se o exemplo mais acabado de síntese sincrética pelo fato de que ela é uma imagem não-africana e não católica de Iemanjá. No caso dessa imagem de Iemanjá, ocorreu a produção de uma imagem nova, que responde perfeitamente à

integração, no plano filosófico-religioso, das distintas tradições que a geraram e a tornaram um patrimônio iconográfico da tradição religiosa brasileira.

Capítulo III

Usos e Sentidos do Conceito de Sincretismo Religioso

A partir do levantamento bibliográfico, buscou-se sintetizar o assunto e identificar tendências principais no debate e alguns sentidos básicos e usos do conceito de sincretismo. Entretanto a pretensão de esgotar o assunto, fez-se um limitado balanço da produção acadêmica sobre o sincretismo no Brasil e também algumas considerações sobre o tipo de sincretismo presente nos rituais do Vale do Amanhecer.

Existe abundante literatura a respeito do conceito de sincretismo religioso. Há grande número de livros e artigos, em diferentes épocas e nas várias regiões, que direta ou indiretamente se referem a aspectos desse problema. Apesar de vasta literatura, curiosamente o sincretismo religioso até hoje tem sido tratado com certo desinteresse e mesmo com menosprezo por diversos autores.

Entre estudiosos e conhecedores do tema, inclusive participantes e adeptos do Vale do Amanhecer, é comum as expressões de rejeição, negação, recusa ou desprezo pela palavra sincretismo. Apesar de abordado e de ser muito encontrado na prática diária, nota-se que existe certo tabu contra esse fenômeno. Parece que se procura negá-lo ou ocultá-lo, embora se reconheça que todas as religiões são sincréticas. O sincretismo um tema confuso, contraditório e ambíguo. Muitos não gostam do termo, recusam-se a abordá-lo e evitam até mesmo o uso do vocábulo.

Procurando os significados mais comuns de sincretismo em alguns dicionários tais como, O Petit Larousse; Aurélio (A. B Ferreira, 1975); Barbosa (s/d); Florenzano (1981), pode-se facilmente agrupar mais de três dezenas desses significados, a partir de

alguns sentidos básicos do termo. Constata-se que todos esses significados podem-se aplicar a aspectos do Vale do Amanhecer:

Junção	= União	- confluência	- aglutinação;	
Fusão	= Ligação	- associação	- simbiose	- Mescla;
Mistura	= Amálgama	- fusão social	- caldeamento	- Cruzamento;
Paralelismo	= Semelhança	- equivalência	- correspondência;	
Justaposição	= lado a lado	- correspondência;		
Convergência	= Reunião	- concentração	- aproximação;	
Adaptação	= Acordo	- acomodação	- confluência	- Concordância.

Nos dicionários constata-se ainda, que sincretismo se aproxima de ecletismo, de percepção confusa ou infantil, de união artificial de idéias disparatadas, de fusão de elementos antagônicos.

Predominam, portanto, aspectos pejorativos nos sentidos mais comuns do termo. Daí se compreende que o conceito seja rejeitado tanto por pesquisadores quanto por adeptos das religiões a que é atribuído.

No Brasil, esse fenômeno da pluralidade religiosa apresenta particularidades. Não é recente. Essa variedade e essa multiplicidade das manifestações do religioso no secular, na atualidade, é referenciada por Sanchis (1997), em termos da persistência de um sincretismo, ainda que modernizado.

Esse autor sugere também o quanto o movimento ecológico e sua dimensão religiosa, as feiras esotéricas, a nebulosa polivalente da Nova Era, não seriam correntes autônomas, mas como um clima, penetrariam outras vertentes e outras instituições, tais como a Igreja Católica, o Santo Daime, a Umbanda. Velho (1977) também indica transformações sincréticas ocultas entre tradições, que no Brasil teriam encontrado condições férteis para se desenvolver.

Segato (1997) enfatiza as interpenetrações múltiplas, as extensões tentaculares para conter, abranger o outro dentro da formação de nação, tão características do Brasil. Na realidade, no Vale do Amanhecer verifica-se uma composição de elementos de culto da religião africana, do catolicismo popular, do espiritismo kardecista, povos e civilizações antigas. Os símbolos e ritos destes grupos são importados e reinterpretados a partir da visão de mundo da doutrina do Vale.

Francisco Cartaxo Rolim (1978, pp.41-62), comparando religiões africanas e catolicismo no Brasil, baseado em dados de Roger Bastide, lembra que os símbolos e ritos católicos usados foram reinterpretados segundo a visão de forças vitais do mundo africano, de onde se origina o dinamismo selecionador.

Várias são as denominações do sincretismo no contexto da história. Contudo, o que nos interessa na abordagem desse capítulo é a concepção sociológica do termo, então, desvinculada da teologia. Diante dessas considerações identifica-se o conceito por meio de autores renomados que simpatizam com o estudo referido de forma clara, objetiva e esclarecedora.

Tal análise é importante para os objetivos desse estudo, pois permite uma avaliação crítica dos debates sobre o sincretismo e ajudará a realizar um levantamento dos principais modelos ou tipos de sincretismo encontrados na literatura, o que ajudará a entender melhor esse fenômeno presente e atuante nas principais práticas ritualísticas do Vale do Amanhecer. O debate sobre o sincretismo reúne algumas tendências e autores selecionados para a fundamentação teórica desse estudo.

Os autores criaram esquemas de classificação do sincretismo afro-brasileiro, destacando elementos jeje-nagô-muçulmi-banto-caboclo-espírita, católico e outros.

3.1 – REVISÃO DA LITERATURA SOBRE SINCRETISMO RELIGIOSO

A primeira tendência ou fase nos debates sobre sincretismo religioso foi a da teoria evolucionista, com Nina Rodrigues, fundador do campo de conhecimentos científicos afro-brasileiros. Entretanto não se encontrando a palavra sincretismo em seus trabalhos, discorre muitas vezes sobre o fenômeno, utilizando expressões equivalentes, tais como fusão e dualidade de crenças, justaposição de exterioridade e de idéias religiosas, associação, adaptação e equivalência de divindades, ilusão da catequese. Rodrigues (1935) estava convencido, de acordo com a perspectiva evolucionista dominante da época, da incapacidade física das “*raças inferiores para as elevadas abstrações do monoteísmo*” e procurava demonstrar que o fetichismo africano dominava na Bahia como expressão religiosa do negro e do mestiço. Para Nina Rodrigues, é a equivalência das divindades que dá a ilusão da conversão católica, pois, sem renunciar aos seus deuses ou orixás, o negro baiano tem pelos santos católicos profunda devoção. Nina Rodrigues possuía visão penetrante dos fenômenos que estudava. Embora evite usar a palavra sincretismo, como muitos até hoje, e enfatize a idéia da ilusão da catequese, constata-se que ele foi, de fato, o pioneiro dos estudos sobre o sincretismo. Fazia distinção entre negros mestiços e africanos e seus descendentes, importante na época para caracterizar formas diferentes de conversão ao catolicismo. A distinção que fez entre a adaptação subjetiva ou interna ao catolicismo, que localiza no candomblé, e a cultural ou externa, ocorre quando os negros assumem livremente a direção do culto. Nina Rodrigues não detalhou a distinção que fez entre a adaptação interna ou subjetiva que lhe parece ocorrer no candomblé da Bahia e a adaptação externa ou cultural, identificada por ele no que posteriormente será chamado de macumba e mais tarde de umbanda.

A Segunda tendência foi a da teoria culturalista, com Arthur Ramos, que preconizava ser o sincretismo uma etapa no processo de aculturação, ao incluir conflitos, acomodação e assimilação religiosa de um povo por outro.

Para Arthur Ramos, o sincretismo não se restringe exclusivamente ao domínio religioso, embora seja esse o domínio mais típico e o que ele mais se dedicou a estudar. Na definição de sincretismo, enfatiza o aspecto de processo harmonioso, sem conflitos, de cultura em contato. Posteriormente irá constatar que este processo não é sempre tão harmonioso e pouco conflitivo, especialmente nos casos de colonização, de dominação e de escravidão.

Para Ramos, o sincretismo é, portanto, um dos resultados do processo de aculturação. Não distingue sincretismo de aculturação e não entende sincretismo como forma de resistência cultural, como será encarado posteriormente.

Adotando a perspectiva da teoria culturalista, Waldemar Valente (1976, p.10) define sincretismo como: *“um processo que se propõe a resolver uma situação de conflito cultural”*. Para ele, sincretismo se distingue de aculturação, de assimilação e de amalgamação, caracterizando-se por ser uma intermistura de elementos culturais, uma interfusão, uma simbiose entre componentes de culturas em contato. Considera que o sincretismo, como processo de interação cultural, abrange duas fases. A primeira, de acomodação, de ajustamento e de redução de conflitos. A segunda, de assimilação, implicando modificações ou fusão, num processo lento e inconsciente em que o tempo exerce sua ação.

Melville Herskovits foi um dos principais estudiosos da corrente culturalista norte-americana. Foi o principal teórico do culturalismo nos estudos sobre os negros e religiões afro-americanas. Define reinterpretação como o processo pelo qual antigos

significados se adscvem a novos elementos ou através do qual valores novos mudam a significação cultural de velhas formas. Considera o sincretismo como forma de reinterpretação dos elementos de uma cultura. Assim, para ele, sincretismo e reinterpretação constituem componentes do diálogo entre o velho e o novo.

Uma terceira fase foi a de Roger Bastide e seguidores. Bastide é o autor mais publicado e mais conhecido no campo dos estudos afro-brasileiros. É muito complexa uma síntese de seu pensamento sob qualquer aspecto. Interessa, aqui, a contribuição de Bastide a respeito de sincretismo afro-brasileiro, assunto sobre o qual foi dos autores que mais escreveram e teorizaram.

Data de 1946 um dos primeiros e importantes estudos de Bastide sobre sincretismo. Considera que não existe uma religião afro-brasileira, mas várias.

Procurando entender o sincretismo dos orixás com os santos, parece-lhe que há inicialmente uma interpretação sociológica; buscou compreender a mentalidade do negro e a religiosidade afro-brasileira através da sociologia em profundidade e pelo princípio de cisão.

Esta tendência até hoje persiste em grande número de estudiosos. Entre seus alunos, Juana Elbein assinala a capacidade do negro de digerir ou africanizar as contribuições e de os cultos se acomodarem sem se embranquecer.

Roger Bastide se preocupava em entender a realidade brasileira, não elaborou um projeto do brasileiro, mas procurava analisar em profundidade aspectos do comportamento. Interessado no problema da interpenetração de civilizações, Bastide procura contornar situações de anomia decorrentes dos sincretismos e das misturas resultantes dos contatos entre culturas diferentes.

Por isso dá ênfase à cisão, à separação, à preservação relativamente pura, no candomblé, de elementos originais da construção da cultura brasileira, criticando a desintegração que encontrava na macumba, em oposição à integração que discernia no candomblé. Bastide estava demasiado imbuído de princípios lógico-filosóficos, vendo dois mundos se defrontarem dentro do homem que praticava o candomblé. Por isso se espantava de que o negro fosse ao mesmo tempo patriota, agisse como outros brasileiros e continuasse ligado à sua cultura ancestral, em que predominam outros valores. Daí a importância que dava ao princípio de cisão, em suas análises do sincretismo, e dos contatos culturais.

Em palestra na USP em 1987, analisando contribuições de Bastide ao estudo dos cultos afro-brasileiros, Lísias Negrão comentou que Bastide rejeitava o conceito de sincretismo, marcado pela perspectiva culturalista (ver Bastide, 1973, p.7 a 20), preferindo o conceito de interpenetração de civilizações. Lísias destaca a extensão da obra, sua qualidade, coerência, profundidade teórica e sensibilidade sociológica para com os problemas do negro.

Lísias não concorda com os que levantam contra Bastide uma visão crítica, com intuítos de demolir o trabalho cuidadosamente elaborado de um etnógrafo paciente, identificado com o sujeito e apaixonado pelo objeto de estudo, que adotou uma perspectiva compreensiva na análise da religião.

Uma quarta fase, que se desenvolve nas décadas de 1970 a 1980, e também continua até hoje, analisa o mito da pureza africana. Discute a importância ou o predomínio dos candomblés nagô-queto. Pureza mistura ou sincretismo são construções sociais surgidas em situações de disputa de poder e prestígio.

Uma quinta tendência inclui outros pesquisadores atuais, a partir da década de 1980. Parece estar mais interessada em estudar alguns de seus aspectos específicos. Para uns o conceito precisa ser mais bem esclarecido. A idéia muito difundida de sincretismo como máscara colonial para escapar à dominação é um dos elementos que têm sido mais criticados, descartando-se também a hipótese do sincretismo como estratégia de resistência.

Critica-se a idéia generalizada de sincretismo como justaposição, pois em muitos casos a religião continua como um todo integrado. Na mesma linha, critica-se a idéia de ver o sincretismo como uma colcha de retalhos ou uma bricolagem, segundo Lévi Strauss, e ainda um aglomerado indigesto, na linguagem gramsciana.

Outros preferem analisar sincretismo empregando pares de conceitos opostos, como mistura versus pureza, ou fusão versus separação. Utilizam-se pares de opostos mais descritivos ou mais específicos, como embranquecimento versus emporecimento, ou caipiricidade versus africanicidade e também heterogeneidade versus homogeneidade.

Ferretti, na sua obra *Repensando o Sincretismo*, revela a capacidade do sincretismo religioso de remontagem de aspectos institucionais e rituais para respostas específicas a situações sociais problemáticas historicamente definidas.

O sincretismo, deste modo, não é simplesmente um dado observável, mas um processo sociocultural. Ferretti oferece uma interpretação do sentido do sincretismo que nos permite entender melhor os principais rituais do Vale do Amanhecer, o objeto da nossa investigação.

Para Ferretti, o sincretismo é típico da cultura brasileira, na qual parece existir uma grande habilidade para relacionar os opostos.

De forma ágil e bastante esclarecedora, o autor procura examinar os conceitos de aculturação, o princípio de cisão, a questão da pureza africana e os problemas ligados à identidade, religião e sincretismo.

Segundo Ferretti (1995, p.91), temos três variantes que abrangem alguns dos significados principais do conceito de sincretismo, que necessitam evidentemente ser especificados.

Partindo de um caso zero e hipotético de não-sincretismo, teremos então: – separação, não-sincretismo (hipotético), – mistura, junção, fusão, – paralelismo ou justaposição, – convergência ou adaptação. Para ele existe convergência entre idéias africanas e de outras religiões sobre a concepção de Deus ou sobre o conceito de reencarnação; existe paralelismo nas relações entre orixás e santos católicos; existe mistura na observação de certos rituais pelo povo-de-santo, como o batismo e a missa de sétimo dia, e que existe separação em rituais específicos de terreiros, como no tambor de choro ou axexê, no arrambam ou no lorogum, que são diferentes dos rituais das outras religiões. Nem todas estas dimensões ou sentidos de sincretismo estão sempre presentes, sendo necessário identificá-los em cada circunstância. Numa mesma casa e em diferentes momentos rituais, podemos encontrar assim separações, mistura, paralelismos e convergências.

É claro que a realidade que se está estudando, nela o sincretismo assume características específicas.

O Vale do Amanhecer será de tipo diferente do sincretismo na umbanda ou em terreiros muito ecléticos. Podemos dizer que cada caso é único e que o sincretismo assume características diversificadas.

Parece que o sincretismo no Vale do Amanhecer pode ser encarado predominantemente como composição, adaptação, acordo, acomodação e concordância harmoniosa e, em alguns casos, como convergência.

Analisando alguns rituais constata-se um acordo, como conformidade ou correspondência entre variantes, que leva a um consenso, verifica-se paralelismo, correspondência ou semelhança, seguidos de modo independente, sem grandes influências recíprocas entre as diversas religiões, evitam-se confronto ou divisões radicais. Procura-se somar a força dos rituais do Vale com elementos do catolicismo popular, do espiritismo kardecista, cultos africanos, indígenas etc..

Em tese de doutorado sobre tipos de personalidade e representação simbólica no Xangô do Recife, Rita Segato (1984, p.184) analisa também o papel do sincretismo.

Verifica que o povo-de-santo considera incompleta a mitologia dos orixás. Independentemente das razões de suas origens, para ela, o sincretismo desempenha a função de complementar aspectos fragmentários da mitologia. Segundo Rita, para esclarecer a imagem dos orixás ou preencher falhas de informações, os filhos-de-santo utilizam-se do sincretismo com os santos católicos correspondentes. Por exemplo, para dar idéia da postura de Ogum utiliza-se a figura de São Jorge cavaleiro; a superioridade distante e o caráter melancólico de Iemanjá são expressos pela da imagem de N. Sra. Da Conceição emergindo do mar. Para Segato, o sincretismo, como os sonhos, contribui para se ter uma visão mais clara dos orixás que são incorporados nos devotos quando em estado de transe.

Em seus trabalhos, o prof. José Jorge de Carvalho analisa especificamente o sincretismo do Vale do Amanhecer, e afirma que, apesar de seu caráter universalista, a base doutrinal do Vale é, sem dúvida, o sincretismo clássico brasileiro: espiritismo, catolicismo, tradição afro-brasileira.

Esse quadro, segundo Carvalho, ilustra a excepcional imaginação criativa de Tia Neiva, fundadora e criadora de todo o complexíssimo panteão de linhas e entidades cultuadas pelos seguidores de sua doutrina.

Segundo Carvalho, não se conhece nenhuma outra instância onde um processo de sincretismo possa ser caracterizado como uma verdadeira dissolução da tradição com o fim de uma reelaboração.

Tia Neiva retirou as entidades de seus contextos simbólicos respectivos, onde elas possuíam uma identidade própria, e colocou-as num novo contexto que tem a propriedade de dissolver os seus contornos contrastivos, deixando igualmente em suspenso as caracterizações históricas tradicionais de todas elas, sejam santos católicos, espíritos de luz, orixás, pretos velhos, caboclos, ou quaisquer outras entidades. Ou seja, o imanentismo aqui já não é mais do tipo neoplatônico, mas de uma ordem desconhecida, por definir-se.

Conclusão

À guisa de conclusão, constatou-se neste estudo que o Vale do Amanhecer é uma comunidade religiosa de base espírita, conta com uma clientela de milhares de adeptos e que já se expandiu por vários estados do país. Tia Neiva, munida de uma imaginação religiosa fora do comum, obteve revelações, em sua maioria derivadas do grande imaginário afro-brasileiro, do espiritismo e também do catolicismo popular. Desse modo, foi capaz de ampliar a cosmovisão espírita muito além do que Alan Kardec, fundador da doutrina, ou mesmo Francisco Xavier, seu máximo expoente no Brasil, poderiam jamais ter imaginado.

Exercitando intensamente sua criatividade mitológica e ritualística, ela procedeu a realizar uma leitura espírita de uma quantidade de outras tradições religiosas, dentro de uma linha básica que também pode ser considerada umbandista, ou afro-brasileira, na medida em que a entidade principal cultuada no Vale do Amanhecer é um Caboclo ou seja, um espírito ligado às matas e que representa o poder espiritual indígena, mestiço e, por extensão, de qualquer brasileiro chamado Seta Branca. Essa entidade poderia pertencer facilmente ao panteão dos cultos afro-brasileiros tradicionais, como a jurema, a pajelança, a macumba, além da umbanda; por outro lado, pode ser igualmente interpretada como uma figura cristã, na medida em que Seta Branca é descrito também como um avatar de São Francisco de Assis.

Um dos conceitos básicos do sistema do Vale do Amanhecer é o de Sétimo Raio, termo empregado nos esquemas cosmológicos da Teosofia. Tia Neiva é o sétimo raio do caboclo Seta Branca; Seta Branca, por sua vez, é o sétimo raio de São Francisco, que é o sétimo raio de Cristo; e Cristo é o sétimo raio de Deus. Dessa forma, Seta

Branca não deixa de ser uma atualização, para a realidade do culto no Brasil, de Jesus Cristo. Assim o Vale do Amanhecer, que se apresenta com uma pluralidade de signos e de rituais formando o universo religioso possivelmente mais complexo de que já se teve notícia, tenta colocar-se, no fundo, dentro desse ethos espiritualista classicamente brasileiro; pode ser visto como uma das tantas recombinações desse ethos tradicional a partir das visões de uma única líder.

Todavia, sem romper com a religião dominante, desafia-a frontalmente ao propor um sincretismo ou paralelismo com a divindade Jesus Cristo que é percebida, aos olhos dos fiéis católicos e protestantes, como única e irreduzível.

O que mais fascina no Vale do Amanhecer é a imaginação simbólica ali exercitada. Há um número de falanges de entidades muito superior ao cultuado em qualquer casa de umbanda ou de espiritismo kardecista: falanges asteca, maia, inca, egípcia, indiana, tibetana, chinesa, cristã. As mulheres que pertencem à falange helênica vestem-se como gregas; as que pertencem à falange oriental vestem-se como indianas; outras se vestem como egípcias, outras ainda como fadas medievais, princesas etc., todas belamente ornamentadas, com vestes coloridas, adornos e lenços nos cabelos.

Evoca-se, assim, uma espécie de corte ou aristocracia sacralizada, criada a partir de imaginários sociais históricos pertencentes a diversas civilizações, tais como a egípcia, a grega, a incaica, a européia medieval etc.; enfim, um clima tipicamente orientalista perpassa o Vale do Amanhecer como um todo. E os adeptos masculinos, chamados jaguares, vestem uma capa longa de cor marrom, que lembra os trajes da aristocracia européia, dos hierofantes de seitas esotéricas como a maçonaria e a ordem rosacruz, de maestros de orquestra e dos espíritos ditos malignos, os Exús presentes na macumba e na umbanda.

Tia Neiva deixou campo aberto para se acolher todos os espíritos possíveis, dentro de um grande paradigma imaginário por ela denominado Corrente Indiana do Espaço. Tal teoria emanacionista deriva de uma concepção do cosmos que faria qualquer sistema teológico-filosófico alexandrino parecer simples.

Na medida em que foi totalmente inventada, sem nenhum precedente conhecido, o Vale do Amanhecer é uma religião que desafia os conceitos vigentes de autenticidade e de kitsch, além de questionar os parâmetros normalmente usados para se definir arte sagrada. E não só as vestimentas e os objetos rituais são originais e exclusivos; o complexo religioso, como um todo, exhibe uma grande invenção arquitetônica, incluindo um lago artificial circundado por estátuas de figuras femininas, tipo sereias, iaras, iemanjás, que provavelmente aludem, num plano extralunar, à própria imagem da Tia Neiva.

O símbolo fundamental desse complexo de templos é uma elipse, que não pode deixar de ser pensado como um símbolo feminino. Na verdade, pode-se dizer que o Vale do Amanhecer é o primeiro culto a Yoni criado no Brasil. E o templo mesmo reflete a complexidade extraordinária do sistema ritual. Nele se praticam vários tipos de cura, interligados por uma retórica de tipo espírita. As poucas metáforas da física newtoniana encontradas nos textos de Alan Kardec há mais de cem anos foram aqui implodidas numa linguagem sagrada que funde e justapõe termos oriundos dos campos mais diversos da experiência humana, da religião e da história, e até da eletromecânica e da astrofísica.

Pode-se dizer que o Vale do Amanhecer é uma comunidade religiosa em constante mutação. O período de Tia Neiva significou expansão constante do sistema de

crença, criação de linhas, falanges, conceitos, métodos de oração e de cura que continuaram sendo ampliados após a sua morte, segundo os moldes por ela deixados.

Contudo, mesmo que esse fascinante sistema chegue a delimitar mais claramente seu eixo central de apoio, ainda assim superará, em muito, qualquer uma das inúmeras conexões formuladas até agora entre espiritismo, cristianismo, umbanda e esoterismo no Brasil.

De qualquer forma, continua fiel a um certo estilo de religiosidade popular brasileira de corte tradicional, não mantendo conexões com os estilos de Nova Era. Ressalta-se que a maioria dos seguidores da doutrina do Vale do Amanhecer são oriundos das classes populares, ainda que o lugar atraia também pessoas pertencentes a camadas sociais materialmente mais favorecidas.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Lourdes et alli. (1998). *As mediações entre os novos significados e os adeptos nos grupos místicos-esotéricos no Distrito Federal*. Trabalho apresentado nas VIII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. São Paulo: Universidade de São Paulo: de 22 a 25 de setembro.

BERGER. Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1998.

_____. *Características do fenômeno Religioso na sociedade contemporânea*. In: Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia/Unb, n.º 114.

BRANCO, Lúcio Castelo. *Brasília: do centro à periferia ou uma viagem redonda*. In: Pavani, Aldo (org.). *Urbanização e metropolização*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Codeplan, 1987.

CARRENHO, Elza Aparecida de Andrade. *O Juízo Final no espaço sagrado da Capela Scrovegni e Capela Sistina*. Bauru: EDUSC, 1998.

CARVALHO, José Jorge de. *Antropologia e esoterismo: dois contradiscursos da Modernidade*. Brasília: Departamento de Antropologia/ Unb, 1998.

_____. *Características do fenômeno religioso na sociedade contemporânea*, In: O impacto da modernidade sobre a religião, BINGEMER, M.C. (organizadora), São Paulo: Ed. Loyola, 1992.

_____. *Uma querela dos espíritos: para uma crítica brasileira do suposto desencantamento do mundo moderno*, In: Sociedade e Estado – Novos Movimentos Religiosos, SIQUEIRA, D. E. (organizadora), vol. XIV, n. 01, Departamento de Sociologia, Universidade de Brasília, vol. XIV, n. 01, Brasília: 1999.

_____. *Idéias e imagens no mundo clássico e na tradição afro-brasileira*. Para uma nova compreensão dos processos de sincretismo religioso. In: Humanidade, vol. 10, n. 1, pp.82-102.

COHN, Norman. *Cosmos, caos e o mundo que virá*. São Paulo: Editora Cia. das Letras, 1996.

CORRÊA, R. Lobato. *Espaço: um conceito chave da Geografia*. In: Castro, Iná Elias; Gomes, Paulo Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato (org.). Geografia: conceitos temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. *A dimensão cultural do espaço – alguns temas*. In: Espaço e Cultura, ano I, n.º 1, p.1 – 22. Rio de Janeiro: NEPEC, 1995.

CORRÊA, R. Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

_____. *O problema religioso e a dualidade da natureza humana*. In: *Religião e Sociedade*. São Paulo: HUCITEC, 1977.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Trad. Rogério Fernandes, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1992.

_____. *Tratado de história das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Imagens e símbolos*. Ensaio sobre o simbolismo Mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

FERREIRA, Ignez C. B. e PENNA, Nelba A. *Brasília: novos rumos para a periferia*. In: Paviani, Aldo (org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

FERRETI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1995.

FRANÇA, Leonel. *A crise do mundo moderno*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1942.

GALINKIN, A. L. *A cura no Vale do Amanhecer*. Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de Ciências Sociais, Unb.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

KLOPPENBURG, O. F. M. Boaventura. *Espiritismo: orientação para os católicos*. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Ed. Paulinas, 1995.

O'DEA, Thomas F. *Sociologia da religião*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo: 1969.

OLIVEIRA, Marília Luíza Peluso de. *Contradições e conflitos no espaço de classes: centro versus periferia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Codeplan, 1987.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

PALEARI, Giorgio. *Religiões do povo*. São Paulo: AM, 1990.

PAVIANI, Aldo. *Periferização urbana. Urbanização e metropolização*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Codeplan. 1987.

_____. *Brasília: a metrópole em crise: ensaios sobre a urbanização*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1989.

_____. *A conquista da Cidade: Movimentos populares em Brasília*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

PEREIRA, Miguel Alves. *Arquitetura, texto e contexto: o discurso de Oscar Niemeyer*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: 1997.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de O. *Messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Ed. Alfa-Omega. 1976.

ROSENDHAL, Zeny. *Geografia e Religião: uma proposta*. In: Espaço e cultura. Ano I, n.º 1, p.45-74. Rio de Janeiro: NEPEC, 1995.

_____. *Espaço e Religião – uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

_____. *O sagrado e o espaço*. In: Castro, Iná Elias; Gomes, Paulo Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato (org.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ROUANET, S. P. *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. Sincretismo Religioso, Revista de Cultura Vozes, Petrópolis, ano 71, n.º 7, set. 1997.

SANCHIS, Pierre. *O campo religioso contemporâneo no Brasil*. In: Ari Pedro Oro & Carlos Alberto Steil (org.), *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, pp.249-261, 1997.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SEGATO, Rita. *Formações de diversidade: Nação e opções religiosas no contexto da globalização*. In: Ari Pedro Oro & Carlos Alberto Steil (org.), *Globalização e Religião*. Petrópolis: Vozes, pp.219-248, 1997.

SIQUEIRA, Deis e BANDEIRA, Lourdes. *O Misticismo no Planalto Central*. In: DUARTE, Laura Maria Goulart e BRAGA, Maria Lúcia de Santana (org.) et alli *Tristes Cerrados Sociedades e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998.

SIQUEIRA, Deis e BANDEIRA, Lourdes. *O profano e o sagrado na construção de Cotidiano*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

_____. *O profano e o sagrado na construção da 'Terra Prometida'*. In: Nunes, B. P.(org.), Brasília: a construção do cotidiano. Brasília: Ed. Paralelo 15.

_____. *Carisma e Narcisismo: uma leitura das lideranças nas novas religiosidades*. Seminário Max Weber na Unb. Universidade de Brasília: Instituto de Ciências Sociais, departamento de Sociologia, setembro de 1997.

_____. *Práticas místicas e esotéricas na capital do Brasil: A construção do sujeito – objeto de investigação*. In: Série Sociológica n. 158. Brasília: Universidade de Brasília.

_____. *Fusão religiosa brasileira e multiculturalismo*. Brasília: Departamento de Sociologia, 1999-a.

_____. *A construção de uma nova cosmovisão: os significados das práticas místico-esotérico no final do milênio*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 1997.

_____. *Misticismo no Planalto Central: a Chapada dos Veadeiros, 'Chakra cardíaco do planeta'*. In: Tristes Cerrados. Sociedade e Biodiversidade. Brasília: Ed. Paralelo 15.

TUAN, Y. F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência/Yi-Fu Tuan*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores o meio ambiente*. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo, DIFEL, 1980.

TUNER, Victor. *O processo ritual. Estrutura e Anti-estrutura*. Petrópolis: Vozes, 1974.

VATTIMO, Gianni. *Creer que se cree*. Paidós: Barcelona, 1996.

WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. Trad. Atilio Cancian. São Paulo: Ed. Paulinas.1990.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Ed. Unb, 1991.

WULFHORST, Ingo. *Discernindo os espíritos*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis, Vozes.

Glossário

Apará – Médiun de Encorporação.

Assis – O espírito que habitava a personalidade do poverelo era do Grande Tumuchi, que fora também o Grande Jaguar, agora era Francisco de Assis. Mais tarde, no século XVI, ele se chamaria Seta Branca.

Cacique – Chefe de uma tribo de andinos, no noroeste das terras fronteiriças entre Brasil e Bolívia.

Equituman – Há mais ou menos 320 séculos, 32.000 anos surgiu na terra um grupo de missionários que ficou conhecido como Equitumans. Eram homens e mulheres com três a quatro metros de altura, vindos de um conjunto planetário conhecido como Planeta mãe ou Capela.

Estrela de Nerhu – Espaço sagrado, onde se realizam curas.

Jaguar – Um dos principais símbolos religiosos do Vale do Amanhecer, que é uma figura estilizada de um felino.

Jeovah Branco – Título da divindade Suprema.

Junção – Sala onde se realiza a união de forças magnéticas e espirituais.

Pajezinho – Espaço sagrado dedicado às crianças.

Radar – Sala do Templo tida como centro de forças espirituais.

Randy – Sala onde se realiza trabalhos de desobsessão.

Seta Branca – na visão do Vale do Amanhecer, é o que habitualmente se chama de espírito de luz, isto é, uma individualidade, algo único e ímpar, criado por

Deus, o qual um dia na eternidade iniciou uma trajetória, tornou-se impuro e, fazendo um retorno elíptico, voltou para Deus. É um grande missionário que há milênios exerce uma missão específica: socorrer a humanidade em seus momentos de transição.

Tumarã - Nome do Reino dos Tumuchis.

Tumuchi - Mais ou menos 5.000 anos depois do desaparecimento dos Equitumans, surgiu na terra outro grupo de missionários, também de origem extraterrena. Eram homens e mulheres de muita beleza física, não se reproduziam e suas vidas tinham uma duração prevista de 200 anos.

Turigano – Espaço sagrado de uso exclusivo aos adeptos no processo de formação.